

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Cel Cav ANTONIO CESAR ESTEVES MARIOTTI

**O excepcionalismo brasileiro perante a “nova Roma” e a
“velha China”. Uma visão sobre o posicionamento
estratégico do Brasil na Ordem Mundial**



Rio de Janeiro
2021

Cel Cav ANTONIO CESAR ESTEVES **MARIOTTI**

**O excepcionalismo brasileiro perante a “nova Roma” e a
“velha China”. Uma visão sobre o posicionamento
estratégico do Brasil na Ordem Mundial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Especialista em Ciências Militares, com
ênfase em Política, Estratégia e Alta
Administração Militar.

Orientador: Cel Cav **RAFAEL CUNHA DE ALMEIDA**

Rio de Janeiro
2021

M342e Mariotti, Antonio Cesar Esteves.

O excepcionalismo brasileiro perante a “nova Roma” e a “velha China”. Uma visão sobre o posicionamento estratégico do Brasil na Ordem Mundial. / Antonio Cesar Esteves Mariotti. —2021. 67f. : il. ; 30 cm

Orientação: **Rafael Cunha de Almeida.**

Policy Paper (Especialização em Política, Estratégia e Alta Administração Militar)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2021.

Bibliografia: f. 64-66

1. BRASIL. 2. EUA. 3. CHINA. 4. ORDEM MUNDIAL I. Título.

CDD 355.4

Cel Cav ANTONIO CESAR ESTEVES MARIOTTI

**O excepcionalismo brasileiro perante a “nova Roma” e a
“velha China”. Uma visão sobre o posicionamento
estratégico do Brasil na Ordem Mundial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Especialista em Ciências Militares, com
ênfase em Política, Estratégia e Alta
Administração Militar.

Aprovado em _____ de _____ de 2021.

COMISSÃO AVALIADORA

Rafael Cunha de Almeida- Cel Cav – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Fernando Luiz Velasco Gomes– Cel Art R1 – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Jairo Luiz Fremdling Farias Júnior – Maj Inf – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

RESUMO

Nesta segunda década do século XXI observa-se uma intensa movimentação na balança do equilíbrio de poder no planeta, onde Os Estados Unidos da América (EUA) e a República Popular da China (RPC) protagonizam essa disputa e os destinos traçados por esses estados tendem a ditar a nova Ordem Mundial. Este *policy paper* versa sobre posicionar o Brasil no contexto das nações, apresentando-se uma análise histórica sobre os aspectos cujos reflexos se traduzem no Brasil atual. Serão verificadas as possibilidades da realidade brasileira que se coadunam em posição vantajosa para a inserção nos vieses político, econômico, militar, tecnológico e psicossocial ante as principais potências de hoje. O trabalho em questão é baseado em Pesquisa histórica, com consulta a publicações com viés histórico e geopolítico, onde se verificam os assuntos atinentes ao Brasil, à China, aos países europeus que tiveram protagonismo histórico e aos Estados Unidos da América. Por fim, se propõe a expor as conclusões sobre o panorama atual e as ilações sobre o cenário futuro. Baseado em tais conclusões, o autor encerra o trabalho sugerindo ações estratégicas que se coadunem com o progresso do País, tendo o pragmatismo necessário para orientar o posicionamento brasileiro em relação às duas grandes potências estudadas. Palavras-chave: Brasil. EUA. China. Ordem. Mundial.

ABSTRACT

In this second decade of the 21st century, there has been an intense shift in the balance of power on the planet, where the United States of America (USA) and the People's Republic of China (PRC) are the protagonists in this dispute and the destinies drawn by these states tend to dictate the new World Order. This policy paper is about positioning Brazil in the context of nations, presenting a historical analysis of the aspects whose reflexes influences in today's Brazil. The possibilities of the Brazilian reality that are in an advantageous position for insertion in the political, economic, military, technological and psychosocial optical before the main powers of today will be verified. The work in question is based on Historical Research, with reference to publications with a historical and geopolitical vision, where matters pertaining to Brazil, China, European countries that played a leading role and the United States of America are verified. In the end, it proposes to expose the conclusions about the current scenario and the conclusions about the future scenario. Based on these conclusions, the author ends the work by suggesting strategic actions that are in line with the country's progress, with the necessary pragmatism to guide the Brazilian position in relation to the two big players studied.

Keywords: Brazil. USA. China. Order. World.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
ALCA	Área de Livre Comércio das Américas
BRI	<i>Belt and Road Initiative</i>
C&T	Ciência e Tecnologia
CEBRI	Centro Brasileiro de Relações Internacionais
CECA	Comunidade Europeia do Carvão e do Aço
CPEAEx	Curso de Política, Estratégica e Alta Administração do Exército
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
ECEME	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ESG	<i>Environmental, Social and Governance</i> (Ambiental, Social e Governança)
EUA	Estados Unidos da América
FGV	Fundação Getúlio Vargas
I GM	Primeira Guerra Mundial
II GM	Segunda Guerra Mundial
IMM	Instituto Meira Mattos
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
RPC	República Popular da China
TCA	Tratado de Cooperação Amazônica
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UE	União Europeia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O Mundo das Civilizações pós-1990.....	11
Figura 2: Linha do tempo 3.000 A.C. – 1453.	15
Figura 3: Linha do tempo 1.421 A.C. – 2020.	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – 5.000 a.C. a 476.....	16
Tabela 2: Principais eventos ocorridos na Civilização Sílica – 2.100 a.C. a 220.....	17
Tabela 3: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – 476 a 1453.....	18
Tabela 4: Principais eventos ocorridos na Civilização Sílica – 220 a 1421.....	19
Tabela 5: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – Séculos XV a XX.....	23
Tabela 6: Principais eventos ocorridos na Civilização Sílica – Séculos XV a XX.....	27
Tabela 7: Principais eventos ocorridos no Brasil – Séculos XVI a XX.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 METODOLOGIA	17
3 SÍNTESE DA FORMAÇÃO DAS CIVILIZAÇÕES EM ESTUDO	17
3.1 AS CIVILIZAÇÕES OCIDENTAL, SÍNICA E LATINO-AMERICANA, SEGUNDO SAMUEL HUNTINGTON	18
3.2 O OCIDENTE E A CHINA, DA ANTIGUIDADE À QUEDA DE CONSTANTINOPLA	22
3.3 O OCIDENTE E A CHINA MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS, A FORMAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO.....	29
4. PROJEÇÕES PARA A NOVA ORDEM MUNDIAL	41
4.1 A ECONOMIA COMO INDUTOR DE TRANSFORMAÇÃO DA ORDEM MUNDIAL	42
4.2 DESAFIOS NA ÁREA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C&T).....	44
4.3 AS TENSÕES NA ÁREA DE DEFESA.....	45
4.4 PRESSÕES OSTENSIVAS E VELADAS COM ENFOQUE NO MEIO AMBIENTE	46
4.5 OS FATORES PSICOSSOCIAIS COMO DIFERENCIAL.....	48
4.6 A TOTALIZAÇÃO DOS FATORES NA PROJEÇÃO DAS POLÍTICAS INTERNA E EXTERNA.....	51
5. CONCLUSÕES: DESMISTIFICANDO NARRATIVAS E POSICIONANDO O BRASIL NA NOVA ORDEM MUNDIAL	54
5.1 O OCIDENTE É TÃO ANTIGO QUANTO A CHINA.....	54
5.2 O SUCESSO DAS POLÍTICAS DE ESTADO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO À CULTURA NACIONAL	55
5.3 O BRASIL FAZ PARTE DO OCIDENTE	56
5.4 O CENÁRIO ATUAL OFERECE AMEAÇAS EM GRANDE ESCALA AO BRASIL	56
5.5 O CENÁRIO ATUAL OFERECE GRANDES OPORTUNIDADES AO BRASIL...58	
5.6 HÁ NECESSIDADE PREMENTE DE REORGANIZAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO.....	59
ANEXO – FIGURAS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	64
https://www.youtube.com/watch?v=1BAfxaNpGfc - Coronel Paulo Filho debate China com General Etchegoyen, Ex-Ministro Raul Jungmann e Karyn Vazquez. Erro! Indicador não definido.	
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	67

1 INTRODUÇÃO

Nesta segunda década do século XXI observa-se uma intensa movimentação na balança do equilíbrio de poder no planeta, onde duas potências buscam intensificar sua influência e seu domínio sobre regiões, economias, povos, culturas e tecnologias, dentre outros aspectos dos campos do poder. Os Estados Unidos da América (EUA) e a República Popular da China (RPC) protagonizam essa disputa e os destinos traçados por esses estados tendem a ditar a nova Ordem Mundial.

A despeito das condições inequívocas de superioridade econômica, científico-tecnológica e militar que EUA e China possuem, especialmente ante os países em desenvolvimento, “a ordem precisa ser cultivada; não pode ser imposta. Isso vale particularmente numa era de comunicação instantânea e transformação revolucionária” (Kissinger, 2015 p.16).

Assim, o poder emanado principalmente por suas pujantes economias, não basta. Os dois grandes estados em questão buscam atrair para suas órbitas outras nações com uma liderança baseada na legitimidade, que propicie o entendimento e evite o escape de aliados para a esfera de influência do concorrente. A legitimidade é também o ponto de equilíbrio entre poder exercido entre os candidatos a *hegemón*, a despeito da competição entre as potências, impondo regras e limites que evitem a subjugação das nações menos desenvolvidas.

Neste contexto, apesar do protagonismo exercido pelas atuais grandes potências, os estados de menores proporções também são partícipes da balança de poder da ordem que se apresenta nas últimas duas décadas e especula-se continuar século XXI adentro.

As mais de centena de nações existentes não atuam de forma pulverizada pelo globo, tampouco a influência sobre essas se faz de forma centralizada, a partir da América do Norte, ou do extremo oriente. Existem subsistemas regionais da Ordem Mundial, onde países desenvolvidos e em desenvolvimento influenciam ou são influenciados nas áreas lindeiras e próximas às suas fronteiras. Estados nacionais como Alemanha, Rússia, Índia, Turquia, África do Sul e Brasil vêm exercendo liderança nas regiões onde estão inseridos e sendo assim, seu apoio cobiçado pelas duas grandes potências globais.

A atual configuração do poder mundial, a despeito dos diversos centros políticos, econômicos e culturais existentes no globo, apresenta uma interessante

tendência de polarização, se observada de uma perspectiva bidimensional, onde o planisfério é dividido em dois pelo meridiano de *Greenwich*: na extremidade mais a oeste se localiza o gigante norte-americano e no extremo oriente encontramos o país que ocupa a região hoje chamada de China.

Neste cenário, EUA e RPC, em função de suas disputas e de seus pontos de toque, vêm conduzindo a ordem mundial a uma nova “Guerra Fria”, no que Allison Graham classifica como

a Armadilha de Tucídides. Quando uma potência em ascensão ameaça substituir a potência dominante, os sinos alertam o perigo iminente. (Allison 2017, p.62).

O breve histórico proporcionado até aqui demonstra a dicotomia ocidente-oriental que ora se faz representar pelos principais atores em voga, bem como incita à verificação dos pontos de convergência e afastamento entre EUA, China e seus potenciais aliados. Nesta direção, o estudo apresentado se propõe a examinar os ingredientes históricos dessa bifurcação político-cultural e seus reflexos para os cenários atual e futuro.

Duas perguntas devem ser feitas para que este trabalho apresente utilidade para o estrategista brasileiro: como tais cenários podem influenciar ou afetar o desempenho do Brasil no contexto das nações; e quais direções podem ser tomadas no sentido de favorecer a consolidação e a expansão da projeção do poder nacional?

Pretende-se ao longo deste *policy paper* posicionar o País no contexto das nações, fazendo-se também uma análise histórica sobre os aspectos cujos reflexos se traduzem no Brasil atual. Serão verificadas as possibilidades da realidade brasileira que se coadunam em posição vantajosa para a inserção nos vieses político, econômico, militar, tecnológico e psicossocial ante as principais potências de hoje.

Para além da efemeridade tecnológica e do comportamento ambíguo dos fenômenos econômicos, será dada atenção à formação política e sociocultural brasileira, cujo caráter cumulativo apresenta aspectos distintos em relação aos *modus vivendi* norte-americano e chinês. Dessa forma, serão buscados os reais pontos de contato entre as sociedades estudadas e o nível de pragmatismo a ser conduzido em prol das atividades de interesse do Brasil.

2 METODOLOGIA

O trabalho em questão é baseado em Pesquisa histórica, com consulta a publicações com viés histórico e geopolítico, onde se verificam os assuntos atinentes ao Brasil, à China, aos países europeus que tiveram protagonismo histórico e aos Estados Unidos da América. A busca em tais publicações, mormente livros, visa a estudar a trajetória dos países em questão e como esses se inseriram no contexto global.

Para situar o leitor na teoria geopolítica aplicada, escolheu-se a obra “O choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”, de Samuel P. Huntington (1998), de onde serão extraídos os conceitos que definem os espaços geográficos e humanos a serem analisados. A título de delimitação, serão coletados os dados atinentes à caracterização das civilizações Ocidental, Sínica (ou Chinesa) e Latino-americana. Os efeitos colaterais dos demais choques entre civilizações só serão abordados se extremamente relevantes para o trabalho.

As obras de referência que compõem o núcleo duro desta pesquisa, no que toca o campo internacional, são os livros voltados à história das civilizações, com foco no Ocidente, na China e no Brasil. Desta forma, busca-se aumentar o sortimento de informações a fim de que se visualize os cenários pretéritos e as projeções futuras. A documentação encontrada nos trabalhos científicos disponibilizados provê os dados mais atuais sobre a problema a ser estudado, possibilitando, desta forma, as ferramentas para projeções de médio prazo.

A parte final se propõe a expor as conclusões sobre o panorama atual e as ilações sobre o cenário futuro. Baseado em tais conclusões, o autor encerra este *policy paper* sugerindo ações estratégicas que se coadunem com o progresso do País, tendo o pragmatismo necessário para orientar o posicionamento brasileiro em relação às duas grandes potências estudadas.

3 SÍNTESE DA FORMAÇÃO DAS CIVILIZAÇÕES EM ESTUDO

Ainda que a geopolítica do planeta apresente os ingredientes que convencionou-se chamar “mundo VUCA”, ou seja, vulnerável, incerto, complexo e ambíguo, as relações humanas no globo são regidas por entes concebidos para regulá-las e guiá-las. A evolução de tais entidades levou à criação dos Estados nacionais, associações entre povos, leis e territórios, cuja manutenção, expansão, ou

colapso podem provocar desequilíbrio na segurança do planeta, sobretudo, nos tempos atuais, em se tratando dos Estados Unidos da América e da China.

Egresso de um período de estabilidade, predominância e hegemonia, os EUA vêm-se ameaçados pela ascensão sínica, num fenômeno que se não olhado com atenção pode demonstrar uma fugacidade americana, bem como caracterizar a China como novo entrante na disputa pelo poder. Tendo em vista o progresso chinês, Allison (2017) propõe “quatro ideias fundamentais” visando a evitar o entrelaço destrutivo entre os dois países: “Esclarecer os interesses vitais [...] Compreender o que a China está tentando fazer [...] Usar estratégia [...] Priorizar os desafios internos” (Allison 2017).

Tomando-se em conta as ideias de Allison, percebe-se que consistem na estratégia de Inteligência já pregada por Sun Bin no século IV a.C: “Conheça ao inimigo e conheça a si mesmo; em cem batalhas, você jamais conhecerá perigo” (McNeilly, 2006 p.313). Mais do que evitar a “armadilha de Tucídides” (Allison, 2017), tais fundamentos podem ser apropriados por outros estados, visando a inserir-se de forma vantajosa no contexto das nações.

Dentro deste escopo, este *policy paper* passa a fazer a qualificação de EUA, China e Brasil, localizando-os enquanto civilizações, segundo a teoria de Huntington (1998) e traçando suas trajetórias, desde suas fundações, até os dias atuais.

3.1 AS CIVILIZAÇÕES OCIDENTAL, SÍNICA E LATINO-AMERICANA, SEGUNDO SAMUEL HUNTINGTON

A teoria do Choque das Civilizações prega que os espaços vitais disputados entre as nações respeitam fronteiras físicas e culturais entre agrupamentos humanos afins, geralmente organizados em um ou mais Estados nacionais. As áreas lindeiras entre as civilizações são chamadas de “linhas de fratura”, onde as desigualdades culturais se traduzem em econômicas, políticas e finalmente, militares, razão da ocorrência dos conflitos.

As organizações políticas tendem a se agrupar em civilizações onde “as sociedades que compartilham afinidades culturais cooperam umas com as outras, os esforços para transferir sociedades de uma civilização para outra não têm êxito e os países se agrupam em torno de Estados líderes ou núcleos de suas civilizações” (Huntington 1998, p.19), o que confere perenidade a este sistema.

Segundo o autor, são 9 (nove) as civilizações (figura 1): Ocidental; Africana; Islâmica; Sínica; Hindu; Ortodoxa; Latino-americana; Budista e Japonesa.

A fim de contribuir com os objetivos deste trabalho, serão destacadas as principais características das civilizações Ocidental, Sínica e Latino-americana, destacadas respectivamente nas cores azul, vermelha e lilás (figura 1).

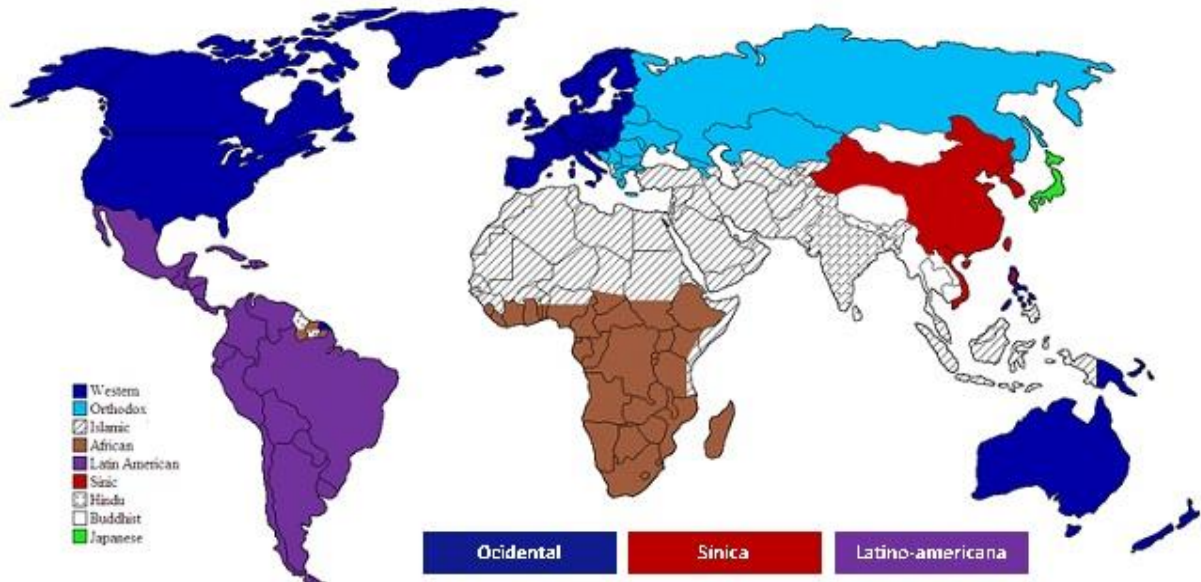


Figura 1: O Mundo das Civilizações pós-1990
 Fonte: Huntington (1998). Adaptações do autor.

3.1.1 A Civilização Ocidental

Abrangendo o oeste europeu, a porção norte das Américas e uma parte considerável da Oceania, a Civilização Ocidental tem um de seus epicentros na Europa, onde também se situam suas principais linhas de fratura. O Leste europeu é a fronteira móvel entre o ocidente e os ortodoxos, liderados pela Rússia. O mar Mediterrâneo encerra a barreira física que separa a Europa do Islã, que também se entrecruza com o Ocidente na Grécia que, apesar de não ser ocidental, é berço cultura europeia.

Tendo, atualmente, como estados-núcleo europeus Alemanha e França, com a Grã-Bretanha sendo participante influente, o grande líder do mundo ocidental são os EUA, país de fundação recente no novo mundo, de onde se emanam as tradições, valores e pujança econômica que orientam o Ocidente e influenciam todo o globo.

Tal liderança foi consolidada no período pós Segunda Guerra Mundial quando os Estados Unidos colaboraram sobremaneira para a reconstrução europeia, com a Doutrina Truman e o Plano Marshal que “beneficiaria os EUA ao devolver à Europa o

status de maior parceira comercial dos norte-americanos, e não ao reduzir o continente europeu à dependência imperial” (Judt, 2011, p.153).

Completam a Civilização Ocidental as antigas colônias inglesas da Oceania, Austrália, Nova Zelândia e Papua Nova Guiné, somados aos arquipélagos independentes e territórios insulares norte-americanos. Esses projetam o poder do ocidente sobre os oceanos Índico e Pacífico e nas áreas de influência da grande potência asiática da atualidade, a China.

Emergida entre séculos VIII e IX, a Civilização Ocidental tornou-se moderna e adquiriu pujança a partir do século XVII. Segundo Huntington (1998), algumas características socioculturais, ainda que ocorram isoladamente em outras culturas, se coadunam apenas no Ocidente, o que lhe confere condição singular: “*O legado clássico*¹[...] *Catolicismo e Protestantismo* [...] *Idiomas Europeus* [...] *Separação da autoridade espiritual e temporal* [...] *Império da lei* [...] *Pluralismo social* [...] *Corpos representativos* e [...] *o Individualismo*” (Huntington, 1998, p.83 a 85).

3.1.2 A Civilização Sínica

A Civilização Sínica ocupa o núcleo central da China Han e se estende para a Coreia (do Norte e do Sul), Vietnã, norte das Filipinas, os territórios reincorporados de Hong Kong e Singapura, além da ilha de Taiwan. As linhas de fratura que envolvem a Civilização Chinesa são extensas e variadas e ao longo dos séculos vêm demonstrando grande volatilidade, em função do aumento ou retração da influência do estado chinês.

A região circunvizinha compreende, atualmente, além das regiões internas do país, Tibete e *Xinxiang*, as regiões fronteiriças com: a Rússia oriental e a Mongólia a norte; os mares da China e do Japão, a oeste; os demais países do sudeste asiático, as Filipinas e a Índia a sul; e os países da Ásia Central a sudoeste.

Através da História, a China concebeu a si mesma como abrangendo uma “Zona Sínica” que incluía a Coreia, o Vietnã, as ilhas Liu Chiu e, às vezes, o Japão; Uma “Zona Asiática Interior” de não-chineses [...]; e depois uma “Zona Exterior” de bárbaros, que, não obstante, “deviam pagar tributos e reconhecer a superioridade da China”. A Civilização Sínica contemporânea está ficando estruturada de maneira semelhante[...] (Huntington, 1998, p. 210).

O antigo império chinês tombou perante a expansão ocidental entre os séculos XVII e XIX, vindo a ruírem as estruturas monárquicas em 1910, ao que se sucedeu

¹ Destaque em *itálico* grafado no original da obra.

intensa disputa pelo poder. A partir da década de 1950 a China iniciou a reorganização de seu estado, alternando períodos de logros e de fracassos em sua política interna, enquanto mantinha seu tradicional pragmatismo, alinhando-se ora ao bloco soviético, ora ao bloco liderado pelos EUA, ou ainda em direção à política externa independente, não necessariamente neutra.

Na aurora do século XXI, assim como nas suas duas primeiras décadas, o estado chinês, núcleo central desta civilização, vem despontando como potência mundial, consolidados os mercados, a influência política e o poderio militar no seu entorno. A China moderna soergue-se dos malfadados séculos XIX e XX como uma nação pujante e expansionista, que contrapõe diretamente os interesses norte-americanos e do ocidente, corroborando com a teoria de “que estamos chegando ao fim de 500 anos de supremacia ocidental” (Ferguson, 2016, p.9).

As características culturais próprias dos sînicos vêm sendo exacerbadas pelo governo central do estado-núcleo. “A identidade chinesa, sujeita a tantos ataques do Ocidente no século XX, está atualmente sendo reformulada em termos dos elementos ininterruptos da cultura chinesa” (Huntington, 1998, p.211). Dentre elas se destacam

“o sistema de valores do Confucionismo, consagrado pela História e compartilhado pela maioria dos países da região”, em especial a ênfase que atribui à parcimônia, à família, ao trabalho e à disciplina. Igualmente importante é o repúdio ao individualismo e o predomínio de um autoritarismo “suave” [...]”² (Huntington, 1998, p.133).

“A identidade chinesa vem a ser definida em termos raciais. [...], os chineses são pessoas de mesma “raça, sangue e cultura””³. (Huntington, 1998, p. 211). Em se tratando do arcabouço jurídico, sua existência é menos relevante na sociedade sînica, onde “a confiança e a obrigação dependem dos relacionamentos pessoais”⁴, não de leis, contratos ou outros documentos legais” (Huntington, 1998, p. 212).

3.1.3 A Civilização Latino-americana

A civilização Latino-americana, definida pelo agrupamento de nações americanas que se inicia na fronteira setentrional do México e se estende à Terra do Fogo, reúne os países originários das colônias dos países ibéricos. Em função de sua origem, Huntington chega sugerir que a Espanha poderia ter-se tornado estado-núcleo

² Grifos do autor

³ Grifo do autor

⁴ Grifo do autor

da região no entanto “tamanho, recursos naturais, população, capacidade militar e econômica qualificam o Brasil para ser o líder da América Latina e é concebível que ele possa sê-lo” (Huntington 1998 p.167).

Embora possua boas condições de tornar-se Estado-núcleo, o Brasil enfrenta dificuldades históricas e conjunturais para tal. A primeira barreira é a do idioma, ainda que as diferenças linguísticas entre o português e o espanhol não sejam impeditivas para a comunicação. Existem alguns estados que, embora não tão pujantes, concorrem com o Brasil pela liderança continental: Argentina e México. Há também a tendência centrífuga para a esfera de influência norte-americana, o que é notório no México e países da América Central e Caribe.

Em se tratando de um núcleo civilizacional relativamente novo, cujos aspectos socioculturais ainda não estão completamente definidos e dada sua afinidade com as antigas metrópoles ocidentais, Huntington (1998) elenca, também, que a “civilização Latino-americana no núcleo ocidental poderia fundir-se com uma civilização Ocidental de três pontas, tornando-se uma subvariante dela”.

Os atributos socioculturais próprios do ocidente são marcantes na dita civilização Latino-americana. No entanto, as características **Império da lei** e **Corpos representativos** não encontram amplo desenvolvimento, dado o passado de formação dos países, onde as aristocracias rurais se converteram em oligarquias que conduziam a elaboração e o cumprimento da norma legal conforme seus interesses. Tais fatores ainda ocorrem na parte centro-austral das américas, onde as ascensões de grupos ao poder raras vezes contribuem para a convergência das estratégias de estado.

Ainda quanto à convergência com o Ocidente, os historiadores, geopolíticos e sociólogos latino-americanos vêm se mostrando adeptos de um caminho dissociado. De fato, verifica-se nesses autores a tendência antagonista ao bloco civilizacional liderado pelos EUA, conforme se observa na opinião de Ribeiro (2015, p. 331 a 332): “Nações há no Novo Mundo – Estados Unidos, Canadá, Austrália – que são meros transplantes da Europa para espaços de além-mar. Não apresentam novidade alguma neste mundo. São excedentes [...]e vieram repetir a Europa...”.

3.2 O OCIDENTE E A CHINA, DA ANTIGUIDADE À QUEDA DE CONSTANTINOPLA

O primeiro agrupamento civilizacional que se tem registro assentou-se por volta de 5.000 a.C., entre os rios Tigre e Eufrates, onde hoje se localiza o Iraque. Desde

então, grandes populações humanas, expandidas a partir do epicentro do Oriente Médio, se desenvolveram em várias regiões do planeta, notadamente na Europa e no extremo oriente.

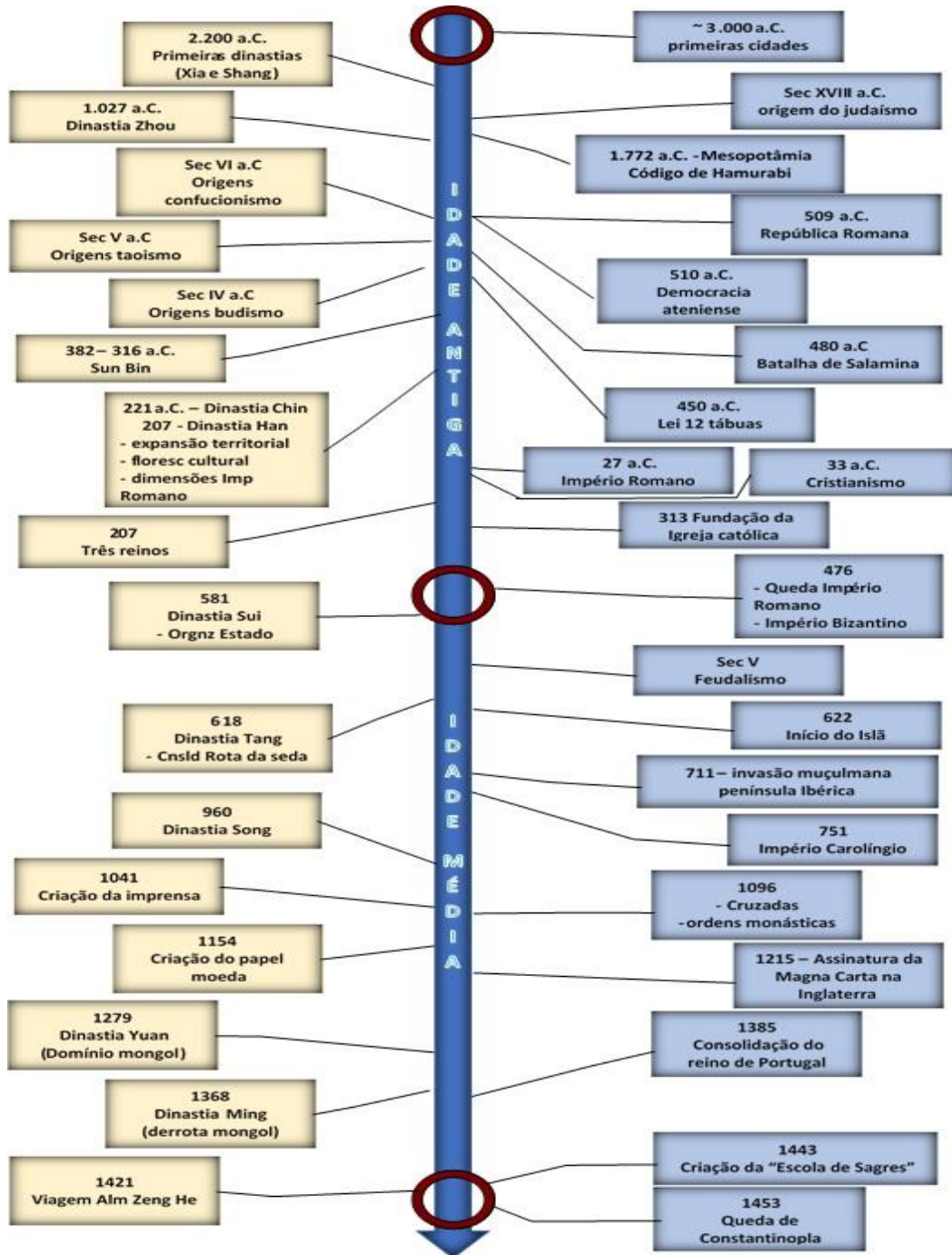


Figura 2: Linha do tempo 3.000 A.C. – 1453.
Fonte: o autor.

A linha do tempo acima (figura 2) ilustra, de forma simplificada, os principais eventos que contribuíram para o surgimento e a construção das civilizações Ocidental e Chinesa entre os anos de 3.000 a.C. e 1453.

3.2.1 Surgimento dos primeiros focos populacionais na Idade Antiga

Ainda que praticamente sem contato, constata-se que durante o período conhecido como idade antiga, as civilizações Ocidental e Sínica progrediram a passos idênticos, em um intervalo temporal relativamente uniforme. Os ocidentais se desenvolveram no litoral do Mar Mediterrâneo, enquanto o chineses se concentraram nos vales dos grandes rios *Yang Tsé* e Amarelo.

As tabelas 1 e 2 resumem os principais eventos ocorridos no período e suas principais contribuições para a formação das civilizações em estudo:

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
3.000 a.C. a 1.700 a.C.	Desenvolvimento das civilizações na Mesopotâmia ⁵ e no vale do Rio Nilo.	Origens da primeira grande religião monoteísta, o Judaísmo, por volta do século XIX a.C.
	Desenvolvimento político, econômico, religioso, militar e social das sociedades antigas.	Aparecimento do primeiro sistema de leis, o “Código de Hamurabi”, por volta do ano 1.700 a.C., na Babilônia.
3.000 a.C. a 753 a.C.	Desenvolvimento das civilizações Minoica, Micênica e Etrusca na orla europeia do Mar Mediterrâneo.	Construção de palácios para a classe governante.
		Organização do poder naval.
	Fundação de Roma, na península itálica.	Participação feminina na vida pública.
		Origens do alfabeto grego.
730 a.C. a 272 a.C.	Organização das cidades-Estado gregas	Incremento do comércio no Mediterrâneo.
	Estabelecimento da primeira democracia em Atenas	Noções de diplomacia por meio dos Jogos Olímpicos ⁶ .
	Unificação da civilização Helênica pelo império Macedônico	Desenvolvimento da doutrina militar.
	Início da expansão da República Romana	Recrutamento militar como condição de cidadania.
27 a.C. a 476	Fundação do Império Romano	Desenvolvimento da doutrina militar.
	Expansão do Império Romano	Grandes cidades, ligadas por rede de estradas.
	Aparecimento do cristianismo em no ano 33	Sistemas de saneamento nas grandes cidades.

⁵ Região localizada nos vales dos rios Tigre e Eufrates, nos atuais Estados da Síria, do Iraque e do Irã.

⁶ Noções de diplomacia foram implantadas, como os jogos olímpicos, realizados durante tréguas entre as cidades, em período quadrienal.

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
	Adoção do cristianismo como religião oficial do Império Romano em 313	Sistema jurídico e administrativo regulamentados.
	Invasões bárbaras e esfacelamento do Império Romano do Ocidente	Idioma latim, falado em todo o Império.
		Religião católica.

Tabela 1: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – 5.000 a.C. a 476.

Fonte: o autor.

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
2.100 a.C. a 1.000 a.C.	Estabelecimento da dinastia Xia no vale do rio Amarelo.	Primeiras urbanizações organizadas
	Florescimento da dinastia Shang.	Fundição de bronze.
		Sofisticado sistema de escrita.
1.000 a.C a 206 a.C.	Tomada do controle da região pela dinastia Zhou.	Avanços na matemática.
	Chegada do confucionismo.	Fundição de ferro.
	Compilação da obra “A Arte da Guerra” de <i>Sun Pin</i> ⁷ .	Introdução da filosofia de Confúcio.
		Pensamento político e estratégico.
	Fracionamento do império e período feudal com a queda da dinastia Zhou	Unificação dos sistemas de escrita, pesos e medidas.
Ascensão da dinastia Chin em 221 a.C.	Definição de fronteiras.	
	Início da construção da Grande Muralha.	
206 a.C. a 220	Ascensão da dinastia Han	Avanços nas artes, na ciência e na tecnologia.
		Expansão territorial.
	Intensificação do comércio com os reinos da Índia.	Incremento do comércio na região que viria a ser conhecida como “rota da seda”.
		Chegada do budismo à China.

Tabela 2: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – 2.100 a.C. a 220.

Fonte: o autor.

Observa-se, portanto, que princípios culturais e sociais milenares foram introduzidos em ambas as civilizações no período analisado. Enquanto a evolução política ocidental conduziu ao aparecimento, ao desenvolvimento e à expansão de

⁷ *Sun Tzu*.

“Roma”, o desenvolvimento das estruturas chinesas se deu em torno da sucessão de dinastias que fundaram e expandiram o reino.

3.2.2 A Idade Média Ocidental e a fundação do Estado chinês

No primeiro milênio de nossa era, assim como até meados do segundo milênio, as duas civilizações em estudo iniciaram a travar contato, principalmente por meio do comércio internacional, balizado pela rota da seda. No entanto, o intercâmbio entre ocidentais e sînicos se resumiu a essas interações comerciais.

Pelo lado chinês, o Estado foi consolidado e o reino expandiu-se em um vasto império. O fracionamento do Império Romano pulverizou a estrutura estatal em vários reinos pela Europa, ao passo em que potencializou a expansão cultural. Ao final deste período, verifica-se a expansão das duas civilizações, com a respectiva ocupação de áreas geográficas de seus núcleos.

A evolução das civilizações Ocidental e Sínica pode ser observada nas tabelas 3 e 4:

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
476 a 1054	Invasão da Península Ibérica pelos muçulmanos.	Desenvolvimento da metalurgia.
	Invasões bárbaras na Europa central.	Organização dos proto-Estados europeus.
	Fracionamento do Império Romano do Ocidente.	
	Dinastia Merovíngia	
	Criação do sacro Império Romano-Germânico, que deu origem aos reinos da França, Itália e Alemanha.	Expansão do ensino, manufatura e cultivo de terras. Influência do cristianismo na política ⁸ .
Catequização da Europa. Criação da Ordem Beneditina monásticas e expansão dos mosteiros.		
1054 a 1453	Grande Cisma ⁹ .	Doutrina religiosa (catolicismo) com raízes no direito romano.
	Cruzadas.	

⁸ “No ano 800, a Europa Ocidental era totalmente governada por reis cristãos” (Marriott, 2015, p. 52).

⁹ Em 1054 diferenças políticas e ideológicas provocaram o Grande Cisma, ou divisão, da Igreja Católica em Ortodoxa, no oriente, com o patriarcado estabelecido em Constantinopla e Apostólica Romana, no ocidente, tendo Roma como sede do papado.

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
	Ordens Religiosas Militares.	Consolidação do cristianismo ¹⁰ .
	Guerra dos Cem Anos.	Implantação de poder centralizado. Origens do absolutismo.
	Consolidação do reino de França.	Início do desmoronamento do sistema feudal.
	Peste Negra. Declínio populacional.	
	Crescimento dos entrepostos comerciais, que se traduziram em grandes cidades comerciais, como Gênova, Veneza, Bruges e Flandres.	Aumento do comércio e do intercâmbio entre os centros urbanos e dos centros urbanos com as áreas rurais.
	Surgimento de coligações com poderes comerciais e militares (Liga Hanseática).	Contestação do poder da nobreza. Concentração de riqueza e poder em mãos distintas do poder central.
	Renascença.	Pensamento humanista, onde se destacava a importância da capacidade do indivíduo, não de deidades e poderes sobrenaturais.
	Invenção da imprensa no Ocidente.	Avanços tecnológicos na navegação, na agropecuária e nas comunicações.

Tabela 3: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – 476 a 1453.

Fonte: o autor.

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
220 a 960	Queda da dinastia Han.	Reunificação e restauração do território.
	Período dos “Três Reinos” ¹¹ .	
	Ascensão da dinastia Sui.	
	Expansão do império e da Grande Muralha.	Anexação de Xinjiang, Yunnan e ilhas Ryukyu.
	Ascensão ao poder da dinastia Tang.	Reorganização da burocracia estatal, de forma a aumentar o poder do Estado e a influência do imperador.
	Grande expansão demográfica nas cidades e no campo.	Manutenção de um poderoso exército.
Expansão da “Rota da Seda” e acesso ao mercado da Pérsia.		

¹⁰ “Embora a lealdade imediata de um homem fosse devotada a seu senhor feudal, ele não se definia como inglês, francês ou alemão, mas como cristão, cujo domínio universal da fé era visível não só na Igreja, mas também no Estado” (Read, 2000, p.71).

¹¹ “Quando o Estado se fragmentava, guerras entre as diversas partes eram travadas com selvageria” (Kissinger, 2012, p.15).

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
960 a 1421	Ascensão da dinastia Song.	Pragmatismo nas relações diplomáticas.
	Desenvolvimento da estratégia de se pagar tributos e subornos às tribos e povos vizinhos.	
	Invenção da prensa.	Organização do sistema financeiro. Origens do papel moeda.
	Enfraquecimento do império Song, com divisão do território em dois.	Identificação como país, não só como civilização ¹² .
	Invasão mongol. Fundação da dinastia Yuan.	Expansão sem precedentes.
		Maximização da cultura militar.
		Maximização da Rota da Seda, com expansão até o Mar Mediterrâneo.
	Flexibilização da tolerância religiosa. Admissão de pessoas de outras etnias em cargos da burocracia.	Descontentamento e xenofobia. Enriquecimento cultural.
Peste Negra.	Declínio populacional.	
Ascensão da dinastia Ming.	Retomada das estruturas sociais e valores chineses ¹³ .	
Construção de grandes frotas de navios e exploração oceânica.	Produtos cartográficos e técnicas de navegação que foram mais tarde utilizados pelos europeus ibéricos nas grandes navegações do século XVI ¹⁴ .	

Tabela 4: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – 220 a 1421.

Fonte: o autor.

Durante o período observado, verifica-se que apesar do fracionamento em reinos, a cultura europeia se solidificou e se expandiu em torno de uma identidade comum cristã. As estruturas estatais começam a reaparecer, findo o período feudal. Seguindo a alternância de dinastias no poder, o Império Chinês desenvolveu e aperfeiçoou a gestão do Estado. A tentativa de imposição do multiculturalismo provocou sentimentos xenófobos e aumentou o nacionalismo cultural.

¹² “Durante a maior parte da sua história, a China fora uma grande civilização, mas não um país unificado” (Weatherford, 2010, p.308).

¹³ “os [...] Ming que haviam triunfado emitiram éditos [...] esforço para revitalizar os princípios chineses de governo e vida social, sistematicamente rejeitaram muitas das políticas e instituições mongóis, expulsaram os comerciantes muçulmanos, cristãos” (Weatherford, 2010, p.383).

¹⁴ A sucessão dinástica dos Ming não propiciou a continuidade do projeto e apesar de seu pioneirismo, a China não expandiu sua influência oceânica, o que lhe custaria, na próxima era, a liderança global, sua liberdade de ação e por fim, sua soberania.

3.3 O OCIDENTE E A CHINA MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS, A FORMAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO

A Queda de Constantinopla marca no ocidente o derradeiro dos impérios da Idade Antiga, cuja transição medieval levou ao fracionamento do território europeu e ao desenvolvimento de pequenas nações que viriam a formar os poderosos Estados ocidentais da Idade Moderna. A partir do século XVI, a busca por novos mercados, mediante caminhos alternativos à rota da seda, levaria as civilizações Sínica e Ocidental a travarem o contato direto, primeiramente pacífico, mas inexoravelmente hostil.

As grandes navegações e as fases colonialista e imperialista que se seguiram provocaram a ampliação da geografia mundial. A África foi desbravada e a civilização Ocidental expandiu-se para as Américas, onde se erigiram dois novos Estados icônicos, grandes e distintos, respectivamente a Norte e a Sul do continente agora chamado Novo Mundo.

De uma perspectiva prática, o processo mais importante de unificação global ocorreu nos últimos séculos, quando os impérios cresceram e o comércio se intensificou. Ligações cada vez mais próximas se formaram entre os povos da Afro-Ásia, América, Austrália e Oceania (Harari, 2018 p.23).

O Império do Meio, cujo imperador de longa data se acostumara a ser possuidor de “tudo sub o sol”, agora tem sua hegemonia oriental contestada e o estado chinês tem sua soberania e autonomia maculadas por potências externas. Enfraquecida, a China perde a supremacia no extremo Leste para o Japão, que também aderiu ao expansionismo europeu.

Ao final do século XIX, a chamada “*Belle époque*” mascarava o clima de tensão que convergiria em dois grandes conflitos mundiais, cujas consequências marcaram o desfecho do século XX e ainda definem a geopolítica dos tempos modernos.

Em cinco séculos as culturas humanas passaram por muito mais revoluções políticas, comerciais, sociais e econômicas que nos 4.500 anos anteriores. Tais eventos definiriam as características marcantes que representam as civilizações Chinesa e Ocidental e legariam aos latino-americanos seus alicerces.

A linha do tempo ilustrada na figura 3 destaca os principais eventos que marcaram a trajetória dos blocos civilizacionais estudados, atualmente liderados por China e Estados Unidos da América nas idades Moderna e Contemporânea. O gráfico

evidência, também, a origem, a formação e o desenvolvimento do Estado Brasileiro, destacando os acontecimentos de maior relevância no período.

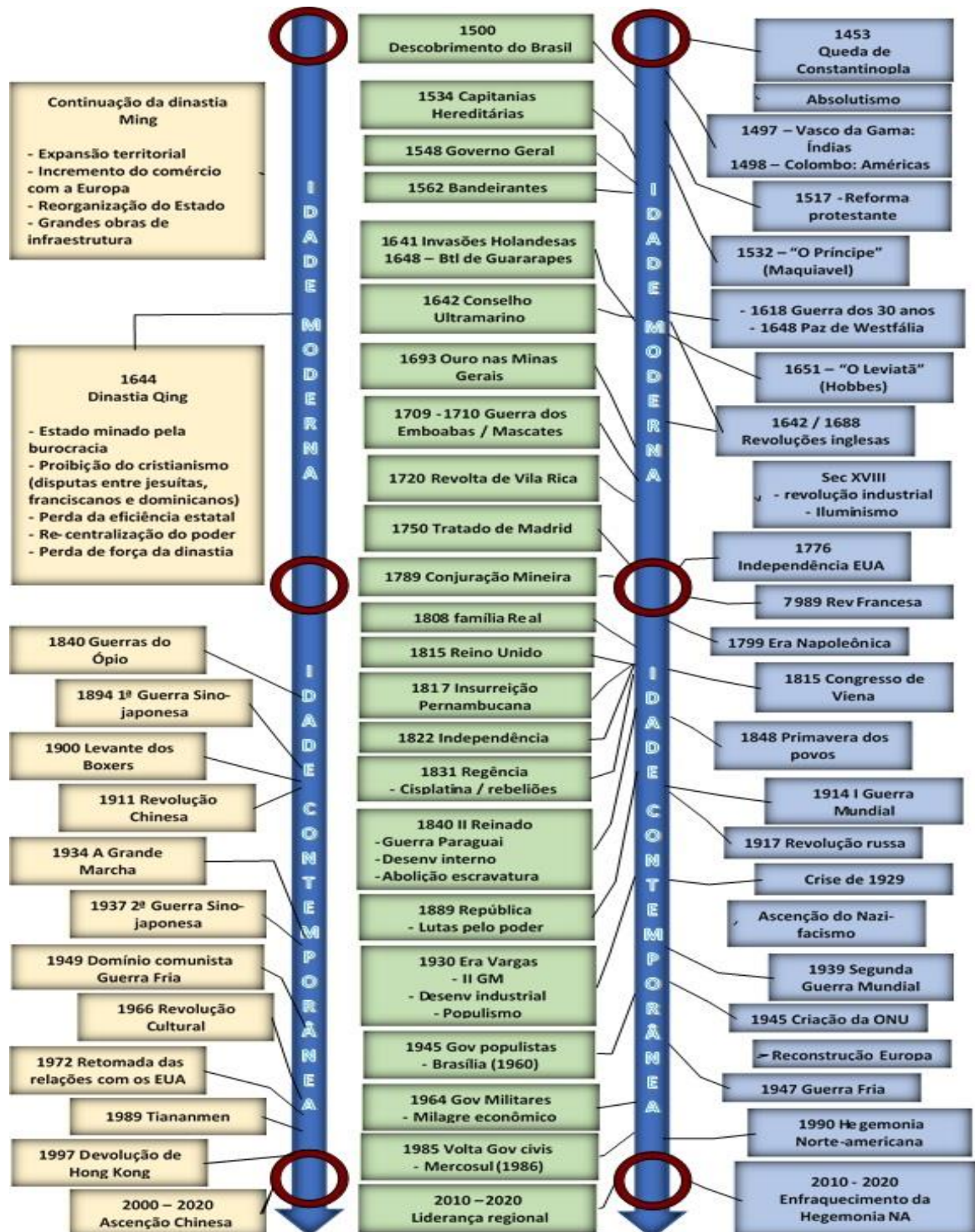


Figura 3: Linha do tempo 1.421 A.C. – 2020.
Fonte: o autor.

3.3.1 Civilização Ocidental: grandes navegações, revoluções, declínio europeu e ascensão norte-americana.

A partir dos anos 1400, em função da revolução comercial e das grandes navegações, o Ocidente experimentou uma grande expansão por todos os continentes. O grande acúmulo de capital foi o ponto de partida para a revolução industrial, que aumentou a projeção das potências ocidentais.

Em termos políticos, os reinos europeus se organizaram em Estados e as disputas por espaço vital ganharam impulso com a motivação religiosa, vinda da dissensão entre católicos e protestantes. A partir do marco colonizatório, um novo polo de poder emerge, os Estados Unidos da América.

A tabela 5 aponta para os principais eventos ocorridos nos séculos XV a XIX:

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
Século XV ao século XIX	Guerra de Reconquista e consolidação dos reinos na Península Ibérica.	Desenvolvimento científico e militar.
	Grandes navegações de Portugal e Espanha.	Desenvolvimento do mercantilismo, predecessor do capitalismo ocidental.
	Revolução Comercial.	
	Expansão territorial para África, Índia, sudeste asiático e américas.	O acúmulo de riqueza possibilitou a revolução comercial, que cooperou para a expansão renascentista até o norte europeu, frutificando em novas ideias filosóficas e políticas.
		Primeiro tratado ocidental sobre política, a obra "O Príncipe" de Nicolau Maquiavel.
		Apartação do temporal e do religioso. Herança greco-romana de preocupação com o povo como equação de governo ¹⁵ .
	Reforma protestante (1517) na atual Alemanha.	Estampa o individualismo ocidental, no espírito de contestação popular da Cúria.
Entrada de Inglaterra, França e Holanda nas grandes navegações.	Inserção do cristianismo nas colônias americanas.	
Disputas entre os reinos católicos e protestantes, também transplantada para as colônias americanas.		

¹⁵ "quem tornar-se príncipe com os favores dos grandes e contra o povo deve, antes de tudo, tentar conquistá-lo, o que é fácil, se o proteger" (Maquiavel, 2001 p.61).

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
	Paz de Vestfália.	Marco como advento diplomático em que se inseriu o conceito de Ordem Mundial no mundo ocidental ¹⁶ .
	Organização do Estado francês após a Guerra dos Trinta Anos.	Instrumentalização do Estado como aparelho de alta política, onde o poder do rei detinha as atribuições estatais constituídas e gerenciava a nação, balizado por uma estratégia de longo prazo. Obra “O Leviatã”, de <i>Thomas Hobbes</i> , que fundamentou a Teoria do Estado. Absolutismo, que legou amplos poderes aos governantes.
	Tráfico de escravos africanos para as colônias europeias na América.	Inserção de etnias no novo continente que trariam grandes consequências e reflexos para as sociedades aí estabelecidas.
	O Iluminismo, caracterizado pela ampla expansão das artes e das ciências.	Críticas ao absolutismo e ao sistema mercantilista. Condenação ao “monopólio espiritual” da Igreja. Humanismo ¹⁷ .
	Período revolucionário (1642 a 1776): - Revoluções inglesas (1642 e 1688); - Independência dos EUA (1776); e - Revolução Francesa (1789). - Ascensão de Napoleão como Imperador da França / luta contra os regimes absolutistas.	Implementação de instrumentos democráticos, como a organização de Constituição e a propriedade privada.
	Congresso de Viena (1815).	Organização dos Estados da Europa em monarquias constitucionais.
	Consolidação e expansão territorial dos EUA.	Avanço das potências europeias pelo globo, eclipsando, inclusive, o Império Chinês.
	Guerra de Secessão norte-americana e abolição da escravidão nos EUA.	Consolidação de partidos políticos bem estruturados. Movimentos extremistas (EUA) em torno de divisão étnica entre euro-descendentes e afrodescendentes. Atuação estatal com Estado mínimo; governo democrático; culto à liberdade; e amparo à propriedade privada.
	Expansão comercial dos EUA para África, Ásia e Américas.	Inserção dos EUA no rol das potências ocidentais.

¹⁶ Depois da Paz de Vestfália, surgiu o sistema de balanço de poder; ou seja, produzir este equilíbrio foi aceito como um dos principais objetivos de política externa (Kissinger, 2015, p.31 a 39).

¹⁷ “os *philosophes* do século XVIII estavam mais preocupados em propor como a sociedade humana poderia ou deveria ser” (Ferguson, 2016, p.106).

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
Século XX	- Equilíbrio de poder europeu baseado em alianças, em substituição ao sistema Vestfaliano.	Queda de vários impérios europeus e declínio dos impérios francês e britânico.
	- Primeira Guerra Mundial (I GM)	Desenvolvimento da economia dos EUA, alavancado pelo esforço de guerra europeu.
	Ideia de “Destino Manifesto” dos EUA ¹⁸ .	Expansão Norte-americana.
	Crise do capitalismo de 1930.	Intervenção pontual do Estado em programas de desenvolvimento da economia.
	Ascensão de doutrinas de caráter totalitário, notadamente o nazifascismo e o comunismo.	Guinada do pensamento ocidental, em direção oposta ao individualismo. Ascensão de preceitos como: abolição da propriedade privada; a extinção das classes sociais; o fim do capitalismo; oposição à religião; e na forma mais radical, a inexistência de governo.
	Segunda Guerra Mundial (II GM).	Ocaso dos impérios europeus. Retomada dos valores ocidentais.
	Retomada do crescimento europeu, patrocinada pelos EUA.	Integração regional europeia, iniciada na CECA ¹⁹ e concluída com a UE ²⁰ .
	Guerra Fria.	Bipolaridade EUA - URSS ²¹ , representando os blocos Democrata-Capitalista e Socialista. Infiltração subversiva nos países do bloco capitalista
	Fim da Guerra Fria, com vitória dos EUA.	Hegemonia norte-americana. Imposição dos valores ocidentais em todo o mundo.

Tabela 5: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – Séculos XV a XX.

Fonte: o autor.

Ainda que o ambiente europeu se traduzisse em um palco de disputas violentas pelo poder, as características ocidentais proporcionaram o empreendedorismo e o pioneirismo. O pensamento econômico, político e cultural do Ocidente experimentou uma extensa expansão, culminando na supremacia das potências europeias e dos EUA, em relação aos demais povos.

¹⁸ “Teddy Roosevelt queria que seus conterrâneos reconhecessem ‘nosso dever, para com os povos que vivem em barbárie, de libertá-los de suas correntes’ e que ‘só podemos libertá-los destruindo a própria barbárie’” (Allison, 2017).

¹⁹ Comunidade Europeia do Carvão e do Aço.

²⁰ União Europeia.

²¹ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. União Soviética.

Os Estados Unidos ajudaram a reconstruir as economias devastadas da Europa, criaram a Aliança Atlântica e formaram uma rede global de parcerias econômicas e na área de segurança. [...] Projetaram um sistema de livre comércio que fomentou a produtividade e a prosperidade [...] e esteve na linha de frente de todas as evoluções tecnológicas do período. [...] O idealismo e o excepcionalismo americanos foram as forças motrizes por trás da construção de uma nova ordem mundial (Kissinger, 2015, p.278).

Essa situação duraria até a primeira década do século XXI, quando a hegemonia norte americana começou a ser contestada pela nova potência ascendente, a República Popular da China.

3.3.2 Civilização Sínica: o auge do Império, seu declínio e a trajetória de República

No Século XV o Império chinês era um Estado consolidado e potência regional incontestável. Sua influência se estendia por todo o mundo civilizado, através do intenso comércio da Rota da Seda e poderia ter se estendido pelos oceanos, caso o empreendimento das navegações não fosse suspenso em 1432. O primeiro mandatário do Império do Meio era “o imperador Ming, Filho do Céu, de [...] todos os outros estados como membros tributários ou rebeldes de um domínio mundial concedido a ele pelos céus” (Unzer, 2019, p.281).

Apesar da sólida cultura e da pujante economia, a China foi subjugada pelo Ocidente a partir de fins do século XVII. As grandes potências e o Japão impuseram aos chineses um período por eles nominado como “Século da humilhação”²².

De amistosos e suplicantes, os ocidentais passaram a se mostrar insistentes e impacientes. Os britânicos [...] em 1839, chegaram em canhoneiras e fizeram a porta do palácio ir pelos ares. Outras nações ocidentais seguiram-lhe o exemplo e, depois, os japoneses, com suas próprias pretensões a domínio [...], trataram de garantir seu lugar [...] (Landes, 1998, p.386).

Com o término da II GM a balança de poder mundial começou a mudar. Primeiramente apoiada pelas superpotências da Guerra Fria e depois por impulso próprio, a China se reorganizou e adentra o século XXI em condições completamente diferentes de cem anos antes.

A tabela 6 percorre, de forma resumida, a trajetória chinesa no intervalo correspondentes às idades moderna e contemporânea ocidentais.

²² Período de aproximadamente cem anos em que a China esteve subjugada ao imperialismo ocidental, russo e japonês.

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
Século XV a 1912	Dinastia Ming.	Expansão territorial e incremento do comércio pela rota da seda e por via marítima.
		Absolutismo extremo.
		Desconfianças das culturas estrangeiras e religiões monoteístas.
1912 a década de 2010.	Ascensão da dinastia Qing (ou Manchu), até seu auge (1644 a 1796).	Anexação de Taiwan, Manchúria, Mongólia, Tibete e Turquestão.
		Ensino do confucionismo em escolas organizadas.
		Readmissão de missionários estrangeiros, notadamente os jesuítas.
		Progressos na organização do Estado, na agricultura, na manufatura.
		Incremento do comércio com a Europa.
		Acordos diplomáticos multilaterais ²³ .
		Tratado de Nanquim ²⁴ .
	1ª e 2ª Guerras do Ópio. (1842 e 1856).	Tratados desiguais.
		Franqueamento de portos a potências estrangeiras. Perda da soberania.
		Aversão à inovação e ao crescimento ²⁵ .
		Desagregação do tecido social. Perda dos valores culturais.
		Intervenção de tropas estrangeiras em solo chinês
	Guerra (revolta) dos boxers (1899).	
Guerra Sino-Japonesa (1894).	Perda territorial (Coreia e Taiwan) para o Japão.	
	Enfraquecimento do império e perda territorial para a URSS (Vladivostok e Mongólia).	
	Proeminência do Japão como potência regional.	
Queda da dinastia Qing / fim do Império / Fundação da República.	Disputa política intensa entre os partidos Nacionalista e Comunista.	
	2ª Guerra Sino-Japonesa (1937).	Perda da Manchúria.
		Perda do domínio marítimo da região.

²³ Essa prática era fundamentada nos preceitos confucionistas, baseando-se no ardid e na paciência, onde se buscava que império não ficasse à mercê de apenas uma potência estrangeira. “A nação desenvolveu engenhosas estratégias para jogar os novos bárbaros uns contra os outros” (Kissinger, 2012, p.65).

²⁴ Em 1842 os britânicos tomaram Xangai e forçaram o império Manchu a assinar o tratado de Nanquim, que trazia grandes benefícios comerciais e estratégicos à Grã-Bretanha, entre eles a concessão do porto de Hong Kong.

²⁵ “Em todos os níveis, ademais, o medo de reprimenda (ou de coisa pior) suplantava amplamente a perspectiva de recompensa” (Landes, 1998, p.383).

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
		Influência do comunismo soviético.
	Fim da II GM (1945).	Inclusão da China no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), como membro permanente. Recuperação dos territórios perdidos para o Japão na 2ª Guerra sino-Japonesa.
	Ascensão do Partido Comunista Chinês (PCC) em 1949.	Reformas políticas profundas, adotando inicialmente o modelo soviético. Evolução do sistema político comunista para solução local. Abandono dos valores tradicionais e perseguição dos confucionistas, sob a égide de <i>Mao Zedong</i> ²⁶ . Intervenções militares chinesas nos países vizinhos (Coreia e Vietnã).
	Afastamento da esfera soviética e aproximação com os EUA.	Ações de interesse mútuo da RPC e dos EUA para a contenção soviética. Manutenção do pragmatismo nas relações internacionais.
	Sucessão de <i>Mao Zedong</i> (1976).	Retomada das tradições confucionistas. Investimentos massivos em educação. Intensa recuperação econômica. Processo de retomada de partes do território original do império. Recuperação da condição de potência local. Projeção de poder em todos os continentes. Disputa por hegemonia mundial com os EUA.

Tabela 6: Principais eventos ocorridos na Civilização Ocidental – Séculos XV a XX.

Fonte: o autor.

Nas primeiras décadas do século XXI a República Popular da China não só recuperou sua hegemonia histórica no extremo oriente, onde recuperou praticamente toda a extensão territorial do auge do império, como contesta a breve supremacia norte-americana, projetando seu poder militar na região circunvizinha e expandindo sua influência econômica por todo o globo.

“O deslocamento no equilíbrio mundial ocasionado pela China é tão grande que o mundo precisará encontrar um novo equilíbrio. [...] A China é o maior ator geopolítico da história.” (Allison, apud Allison, 2017, edição do Kindle).

²⁶ Assertivo e implacável em sua influência, frio e impiedoso, poeta e guerreiro, profeta e opressor, ele unificou a China e lançou o país numa jornada que quase arruinou sua sociedade civil. [...] idealizava a rebelião e o choque de forças opostas, tanto nos assuntos domésticos como externos” (Kissinger, 2015, p.97 a 99).

3.3.3 América portuguesa: um país chamado Brasil

Tomado como posse portuguesa em 1.500, o território que viria a ser conhecido como Brasil foi, durante três séculos, uma mera colônia exploratória, com baixa densidade demográfica e estruturas políticas básicas para garantir a sobrevivência dos colonos e exportação massiva mercantilista. As guerras napoleônicas, ocorridas na Europa a partir do fim do século XVII ocasionaram a dramática guinada na história brasileira, elevando, de imediato a colônia ao status de país.

Inicialmente estabelecido como monarquia constitucional, o Estado Brasileiro teve sua história escrita de forma *suis generis* em relação a qualquer nação do mundo. Do absolutismo às ditaduras de Floriano e Vargas e então à democracia, de reino a república, passando pela fase imperial, o Brasil sofreu evoluções e revoluções dramáticas em sua estrutura política e social. Este processo, ainda que demonstre a volatilidade brasileira, comprova também os bons resultados alcançados, dada as dimensões, a pujança e o potencial do País.

A tabela 7 aponta para os principais eventos e legados da recente, porém intensa história do Brasil.

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
1.500 a 1.808	Descobrimento (1.500). estabelecimento das Capitânicas hereditárias (1.534).	Início da ocupação portuguesa no litoral.
		Primeiros polos urbanos em Salvador, São Vicente e em Pernambuco.
		Sistema baseado na agricultura, no patriarcado e na escravidão.
		Miscigenação entre os primeiros colonos e os habitantes originais.
	Estabelecimento do Governo Geral (1548).	Estabelecimento de mecanismos de controle pela metrópole.
		Ênfase no poder judiciário.
		Evangelização por meio da Companhia de Jesus. Implantação do modelo católico.
	Bandeirantismo (a partir do século XVI).	Expansão territorial.
	União das coroas ibéricas (1580).	Intensificação da miscigenação.
		Inimigos da coroa espanhola (holandeses) se somaram aos concorrentes de Portugal (França).
Lutas de resistência contra os invasores.	Primeiras manifestações do sentimento de pertencimento, que geraria o conceito de nação.	
Comércio de escravos oriundos da África.	Intensificação no trabalho escravo e na miscigenação.	

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
	Tratado de Madrid (1750).	Oficialização da expansão territorial ²⁷ .
	Descoberta de ouro nas Minas Gerais.	Formação de centros urbanos interiorizados no Sudeste.
	Revoltas coloniais do século XVIII ²⁸	Contestação da política portuguesa com relação à colônia. Primeira manifestação emancipacionista em 1789 ²⁹
1808 a 1889	Deslocamento da Corte Portuguesa para o Brasil (1808). Elevação do Brasil a condição de Reino Unido (1815).	Desenvolvimento comercial.
	Participação no Congresso de Viena (1815).	Reorganização das Forças Armadas.
	Revolução Pernambucana (1817).	Estabelecimento de estruturas de ensino superior.
		Entrada de costumes europeus nos centros urbanos.
		Política externa voltada a ações contra os inimigos da coroa portuguesa ³⁰ .
	Independência do Brasil. Criação do Império (1822).	Apartação dos processos de independência e estabelecimento das repúblicas americanas.
	Guerras de Independência.	Implantação de partidos políticos.
Elaboração de Constituição.		
Disputas violentas por fracionamento, união, ou ainda, retorno à esfera portuguesa.		
Manutenção da integridade territorial.		
	Valores ocidentais transcritos na forma de lei ³¹ .	

²⁷ “hispano americanos geralmente vêm com antipatia o tratado de Madri às vezes chamado [...] de “tratado de permuta”, [...] prejudicial às colônias americanas da Espanha e [...] aos países sul-americanos em que aquelas se transformaram” (Goes Filho, 2000, p.164).

²⁸ Guerra dos Emboabas (Minas Gerais -1709); Revolta dos Mascates (Pernambuco – 1710); Revolta do “Quinto” (Minas Gerais – 1720); e Conjuração Mineira (1789).

²⁹ “estava plenamente provado o crime de lesa majestade [...] a que premeditadamente concorriam de se subtraírem da sujeição em que nasceram e que como vassalos deveriam ter a dita Senhora (D. Maria I, Rainha de Portugal), para constituírem uma República” (Castro, 1995, p.132).

³⁰ Contra a Espanha, na Banda Oriental do Uruguai (1808 a 1821) e contra a França, em Caiena (1806 a 1809).

³¹ Conforme se observa neste trecho da Constituição de 1824: Art. 1º - O Império do Brasil é a associação política de todos os cidadãos brasileiros. [...] Art. 2º - O seu território é dividido em províncias [...] Art 3º - O seu governo é monárquico, hereditário, constitucional [...] Art. 4º - A Dinastia Imperante é a do Sr. D. Pedro I, [...] Art. 5º - A religião Católica Apostólica Romana [...] Todas as outras religiões [...] sem forma alguma exterior de templo³¹. (Castro, 1995, p.158).

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES	
		História oficial elaborada em torno da fusão das raças branca, negra e indígena.	
	Período Regencial (1831 a 1840).	Radicalização dos posicionamentos dos partidos políticos. Revoltas federalistas e emancipacionistas ³² .	
	- Segundo Império (1840 a 1889). - Guerra do Paraguai (1864 a 1870).	Estabilidade interna. Intensificação de relações com vizinhos latinos. Início do pragmatismo com relação às potências estrangeiras, especialmente a Grã-Bretanha. Manutenção de posição de força na bacia do Prata. Aproximação do Exército com a sociedade. Desenvolvimento manufatureiro e manutenção do sistema agropastoril. Manutenção da organização social baseada no patriarcado e na fé cristã. Fenômeno do caudilhismo/coronelismo aglutinado em torno do imperador, evitando o fracionamento do Estado. Crescimento do poder das oligarquias.	
	1889 a 1935	Proclamação da República.	Reorganização do Estado de forma a romper laços com a monarquia. Influências positivistas na organização da República. Grande participação dos militares e da elite intelectual urbana na política, no início da República. Problemas econômicos e sociais causados pela abolição da escravatura.
		Governos civis a partir de 1894.	Caudilhismo. Poder concentrado nas mãos das oligarquias rurais.
		Revoltas populares do Contestado e de Canudos.	Reorganização do Exército.
		Revolta da Armada.	Rompimento com a Grã-Bretanha e aproximação com os EUA ³³ .
		Consolidação do território.	Proeminência da diplomacia.

³² Cabanagem (1835-40), no Grão-Pará; Revolta do Malês (1835), na Bahia; Sabinada (1837-38), na Bahia; Balaiada (1838-41), no Maranhão e a revolução Farroupilha (1835-45), na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

³³ “no início da década de 1890 os Estados Unidos eram a única potência que o Brasil não acusava de sabotar a República e frustrar seu desenvolvimento econômico. [...] Também eram uma ex-colônia que desconfiava de monarquias. Eram a república mais antiga do mundo e, da perspectiva brasileira um modelo mais seguro que o da república francesa” (McCann, 2009, p.55).

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
	- Movimentos revolucionários das décadas de 1920 (tenentismo). - Revolução Constitucionalista em São Paulo (1932).	Grande influência dos militares na política nacional ³⁴ .
1935 ao Século XXI	Estado Novo (1935)	Estabilização do ambiente político nacional Governo com tendências ultranacionalistas. Derrocada da esquerda nacional. Partido comunista posto na ilegalidade.
	Segunda Guerra Mundial.	Participação brasileira com tropa. Aproximação política, militar, cultural e econômica com os EUA. Ambiente político democrático. Fim do Estado Novo.
	"Varguismo" (1945 a 1960)	Governos populistas.
		Avanço das instituições democráticas.
		Reestruturação do Estado. Desenvolvimento econômico.
	Instabilidade política entre 1960 e 1964.	Esvaziamento do modelo populista de governo. Tentativa de infiltração comunista, dentro do contexto da Guerra Fria.
	Governos militares (1964 a 1985)	Neutralização de tentativa de tomada do poder, por via violenta, pelo comunismo patrocinado pela URSS.
		Estabilização política interna. Organização e desburocratização do Estado. Desenvolvimento econômico e da infraestrutura.
		Tratado de Cooperação Amazônica (TCA – 1978)
Transição democrática (1985).	Promulgação da atual Constituição da República.	
	Grandes avanços democráticos. Dificuldades no processo decisório.	
	Pulverização partidária.	

³⁴ "Embora o catolicismo certamente fosse o cimento da cultura brasileira como salientou o Gilberto Freyre. Nem a igreja nem os partidos políticos mantinham a unidade do território brasileiro. Quem fazia isso era o Exército" (McCann, 2009, p.11).

³⁵ No campo internacional, o País adquiriu uma projeção maior e o alinhamento automático com os EUA foi sendo paulatinamente substituído por um pragmatismo responsável que conferiu maior independência.

PERÍODO (APROXIMADO)	EVENTOS	CONTRIBUIÇÕES
		Influência esquerdista pelo método gramsciano.
	Fundação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) em 1986.	Aproximação com os países do entorno estratégico.
	Ascensão da esquerda ao poder pela via democrática (2003)	Inicialmente, crescimento econômico e desenvolvimento social.
		Aumento em grande escala da corrupção em todas as esferas do Estado.
		Grave crise política.

Tabela 7: Principais eventos ocorridos no Brasil – Séculos XVI a XX.

Fonte: o autor.

Embora tenha crescido em ciclos espasmódicos durante sua breve história, a República Federativa do Brasil emerge no século XXI como a maior economia do hemisfério sul e potencial para a hegemonia regional na América meridional e no Atlântico Sul. O cenário interno atual aponta para a necessidade de ajustes políticos e econômicos, ao mesmo em que sua sociedade sofre com a corrupção de seus valores por décadas de doutrinação gramsciana e males históricos derivados do caudilhismo e do coronelismo.

Em uma nova Ordem Mundial, onde EUA e China lutam pela hegemonia mundial, o Brasil se encontra em posição de grande destaque, no entanto, os ajustes internos serão decisivos se no rearranjo geopolítico que se acerca. Os tempos modernos oferecem grandes ameaças e oportunidades que definirão de a nação brasileira será um grande *player*, ou um mero coadjuvante.

4. PROJEÇÕES PARA A NOVA ORDEM MUNDIAL

O cenário apresentado nas primeiras décadas do século XXI segue em evolução. Num mundo definitivamente globalizado, as intercorrências sofridas pelas grandes potências se refletem de imediato nos países do sistema mundial, e no caso do Brasil, que tem sólidas relações políticas e econômicas com os EUA e a RPC, a compreensão da tendência da história é fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento.

o significado da história é algo a ser descoberto não declarado. [...] as decisões adequadas para fazer frente a esses desafios precisam ser tomadas pelos estatistas quando ainda é impossível saber qual será seu resultado (Kissinger, 2015, p.376).

4.1 A ECONOMIA COMO INDUTOR DE TRANSFORMAÇÃO DA ORDEM MUNDIAL

Como forma de contenção do avanço soviético no pós-guerra, os EUA fizeram aportes massivos de capital nas economias dos países do leste asiático, promovendo o desenvolvimento do Japão, dos países da Indochina e finalmente do próprio gigante chinês. Em fins do século XX, apesar do desmantelamento da URSS, o investimento nesses países seguiu sendo atrativo, principalmente na China, cuja mão-de-obra se mostrou muito mais barata que em solo norte-americano.

Esses aportes possibilitaram a escalada da indústria chinesa, que passou de mera copiadora de produtos e fraudadora de patentes na década de 2000, à principal concorrente da economia americana. A pujante indústria europeia, notadamente a alemã já foi suplantada de longe pela China moderna.

Além da grande transferência de capital para o Oriente, os mecanismos utilizados para alavancar a economia dos EUA e de seus aliados a partir dos anos 1980 se esgotaram e a chamada “bolha financeira” depauperou a economia ocidental “com o agravamento da crise hipotecária do *subprime* em 2007, culminando na crise creditícia de 2008 e, finalmente, na ‘grande recessão’ de 2009” (Ferguson, 2016, p.11).

Enquanto locomotiva do desenvolvimento mundial, a economia chinesa tornou-se consumidora em larga escala de *commodities*, tanto de minerais para insumos; como de combustível fóssil para mover a máquina industrial e os centros urbanos; assim como de alimentos para suprir sua população, a maior do planeta. Neste ínterim, as regiões com produção ou potencial para produção dessas *commodities* puderam se beneficiar com as exportações para a China, notadamente o Brasil, por sua grande e diversificada base territorial e pela organização de seu Estado.

Em 2020, a pandemia de COVID-19 agravou a recessão iniciada em 2009 nos EUA, afetando o comércio e as finanças em todo o mundo. Graças a resolução mais eficiente de problemas de ordem interna, a China apresentou maior resiliência e o processo de superação da economia norte-americana se acentuou. Ainda assim, os EUA continuarão sendo um mercado vigoroso e atrativo, ainda que em posição secundária a nível mundial.

A nível regional, os países limítrofes, principalmente a Argentina, vêm sofrendo com crises econômicas. A China estende sua influência para o entorno estratégico do Brasil, conquistando mercados de produtos brasileiros de maior valor agregado, oferecendo risco para o escoamento dos produtos da indústria nacional. Esse

fenômeno tende a se agravar, uma vez que a ação chinesa não se limita ao comércio, mas se estende no aporte de capital na infraestrutura dos países vizinhos.

Para o Brasil, este cenário, que tende a se estender para as próximas décadas, pode mostrar-se favorável, desde que os arranjos econômicos e estruturais internos sejam conduzidos de forma a potencializar os frutos da balança comercial, traduzindo-se em ganhos reais no saldo de transações correntes e no desenvolvimento contínuo da economia e do País.

Dentre as oportunidades na nova configuração da economia mundial está a intenção chinesa da participação do Brasil na “*Belt and Road Initiative (BRI)*”³⁶

A China nutre expectativas no relacionamento. Entre elas, a adesão brasileira à BRI e a utilização de moedas nacionais nos fluxos de comércio e investimentos. O Brasil também nutre expectativas. Entre elas, uma relação mais aprofundada no setor de alimentos, o enriquecimento da pauta exportadora com produtos de maior valor agregado e a recuperação, em alguma medida, da cooperação tecnológica com a qual os dois países sonharam nos anos 90 (Paiva, 2019).

Os mercados externos, como União Europeia e Estados Unidos continuam em desenvolvimento, ainda que em ritmo menor do que o da China e há grande potencial para exportação, principalmente de alimentos. No entanto, há que se quebrarem as barreiras de contenciosos acerca do protecionismo da produção europeia, notadamente a francesa.

Desde o início dos anos 2000, houve, o arrefecimento das relações bilaterais entre Brasil e EUA, motivados pela resistência ao avanço das iniciativas comerciais multinacionais como a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), pouco vantajosas para a economia brasileira, como também pelas diferenças ideológicas dos governos instalados nos dois países.

a “falta de aprofundamento” das relações resulta em uma atual agenda bilateral “pobre”, especialmente se comparada às relações dos EUA com parceiros como Índia e China. Apesar da existência de mecanismos de alto nível para a coordenação bilateral [...] estes seriam pouco utilizados (Rzezinski, 2017).

As presidências de Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro, no Brasil iniciaram a reaproximação das economias, no entanto, o ciclo eleitoral

³⁶ Grande projeto intercontinental liderado pela China, que se traduz em obras de infraestrutura com finalidade de expansão econômica e geopolítica. É chamada vulgarmente de a “nova rota da seda”.

subsequente tende a remeter essas relações a uma nova estagnação.

4.2 DESAFIOS NA ÁREA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C&T)

Os EUA, assim como a Alemanha, a França e o Reino Unido ainda mantêm a liderança em tecnologia de ponta, ainda que essa seja compartilhada com o Japão desde a década de 1980 e com a China nos tempos atuais. No campo da ciência e da tecnologia, as parcerias estratégicas são mais difíceis. Os detentores de expertises mais modernas procuram limitar seu compartilhamento à instalação de plantas fabris em territórios estrangeiros, por intermédio das empresas transnacionais, ainda assim, com os itens críticos sendo produzidos nas matrizes.

Em termos de cooperação internacional, o Brasil vem avançando em tecnologias críticas na área de defesa com emprego dual, onde se destacam iniciativas junto aos EUA e à França, respectivamente nos campos espacial e de propulsão nuclear. No entanto, essa parceria se resume à produção dos mecanismos periféricos.

Com relação à China, há tratativas para o financiamento e a troca de expertises nos setores de infraestrutura e produção de energia. Segundo Paiva (2019) “A atuação da China nesses setores, portanto, além contribuir para ganhos de eficiência, pode impulsionar um maior aproveitamento do potencial renovável brasileiro”.

Existem no Brasil centros de Excelência em pesquisa científica que embora produzam trabalhos de qualidade, não compõe volume para o impulsionamento da indústria nacional. Os talentos individuais formados e aperfeiçoados nessas ilhas de modernidade não raro são perdidos para os países líderes em desenvolvimento tecnológico, notadamente as potências ocidentais.

o desenvolvimento de um sistema científico pujante não é, entretanto, suficiente para que um país determinado possa beneficiar-se das oportunidades criadas pelas inovações digitais. É preciso haver um vetor que direcione os investimentos e o desenvolvimento tecnológico para áreas de alto valor agregado. O que faltaria[...] ao Brasil [...] é uma estratégia industrial e uma política de inovação com visão de longo prazo que coloque em seu cerne as compras governamentais e os programas de incentivo (Milani, 2019).

Entre os polos de desenvolvimento tecnológico aplicado do Brasil se destaca a indústria aeronáutica, que vem suprindo parte das necessidades nacionais de defesa e consolidando um considerável nicho na aviação comercial internacional. O maior destaque se dá na produção e na industrialização de alimentos, onde a Empresa

Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) dá suporte ao agronegócio do País, hoje sua maior fonte de geração de riquezas.

A tendência no cenário de C&T é de que a China mantenha a política de compartilhamento de tecnologia, ainda que limitada, como forma de expandir sua influência em território tradicionalmente norte-americano e europeu. Ainda assim, há que se observar esse aspecto com cautela, uma vez que o pragmatismo chinês usualmente se traduz em concorrência por métodos não ortodoxos, como a espionagem e o desrespeito a patentes, o que ao final das contas pode ter efeito prejudicial ao Estado.

Há que se considerar, ainda, que a comunicação pela rede mundial de computadores tende a controlar toda a automação dos sistemas modernos, que compreendem desde a extração e a produção de energia, até a utilização nos lares dos consumidores finais, passando pelos processos industriais, comerciais, financeiros e militares, dentre outros. Nesse contexto, o desenvolvimento da cibernética é fundamental, não só para o desenvolvimento, como para a segurança dos Estados.

Estados Unidos, Reino Unido e China são líderes na área cibernética, ladeados pela Rússia, cujos interesses tocam física e virtualmente as regiões vizinhas que compreendem as linhas de fratura das civilizações Ocidental e Sínica. Neste contexto, operações cibernéticas vêm sendo conduzidas com fins militares ostensivos ou velados, influenciando as economias e a política interna dos países concorrentes.

O Brasil vem desenvolvendo sua defesa cibernética a cargo do Exército Brasileiro. Esse serviço vem sendo paulatinamente posto à disposição das estruturas estatais e privadas, de forma a gerar segurança ao desenvolvimento nacional.

4.3 AS TENSÕES NA ÁREA DE DEFESA

No campo militar, as Forças Armadas dos Estados Unidos ainda detêm a supremacia mundial. Neste quesito o poderio militar da RPC vem sendo expandido, propiciando superioridade sobre seus vizinhos. As áreas oceânicas que cercam a costa chinesa são hoje pontos de grande tensão entre a potência sínica e os EUA, que mantém seu poderio naval nas fímbrias existentes nos mares da China e do Japão.

A tensão entre EUA e China, no campo militar afeta diretamente o Brasil quando da projeção chinesa no entorno estratégico brasileiro, quer seja com apoio técnico e instalação de bases na Argentina e em países africanos. Notadamente instaladas em

áreas produtoras de insumos para a economia chinesa, essas bases militares projetam poder militar em zona de tradicional influência norte-americana e de interesse direto para a segurança do Brasil.

Além disso, temas securitizados como a pirataria no Golfo da Guiné e a expansão pesqueira predatória praticada por frotas chinesas, podem criar tensões militares entre Brasil e China no controle do Atlântico Sul. A aproximação do Brasil com a OTAN tem potencial dissuasório, uma vez que associa o poder militar brasileiro, a uma considerável força internacional, no entanto, também transfere os atritos ocidentais de norte para o Cone Sul e a África Meridional.

A expansão militar chinesa no Atlântico Sul, na África e na América do Sul tende a continuar, uma vez que as áreas em questão compreendem regiões de produção de hidrocarbonetos, minerais e alimentos, indispensáveis à economia e ao sustento da população da China, além das rotas comerciais que os conduzem.

Apesar do acirramento das tensões, um conflito em média ou larga escala em zona de interesse dos Estados Unidos ainda é uma realidade distante, uma vez que retaliações no extremo oriente podem desencadear ações multilaterais contra o território chinês. A existência de armamento nuclear nos arsenais de China, Índia, EUA e Rússia também contribui para a detente regional, que se reflete nas demais áreas do globo.

Independente das ações cinéticas, o conflito híbrido vem sendo desenvolvido entre EUA e China, assim como ações no mesmo sentido são direcionadas ao Brasil. Práticas comerciais extorsivas, tentativas de influência na política interna e atuações hostis por meio da cibernética têm sido cada vez mais constantes, na conjugação de poderes que Suzanne Nossel (2004) denominou “*smart power*”.

4.4 PRESSÕES OSTENSIVAS E VELADAS COM ENFOQUE NO MEIO AMBIENTE

A tendência mundial para a gestão, nos âmbitos estatal e privado se encerra no acrônimo ESG (Environmental, Social and Governance)³⁷. Empresas e governos vêm sendo pressionados pela sociedade, pela mídia, por Estados e por organizações supraestatais em aspectos ligados à temática da preservação do meio-ambiente, em questões como desmatamento, poluição do solo e emissões de gases que provocam o efeito estufa.

Adaptando-se a essas exigências, os Estados constituídos vêm anunciando e

³⁷ Ambiental, Social e Governança

adotando medidas ambiciosas, ao mesmo tempo em que elaboram sua estratégia informacional para contraporem-se às narrativas prejudiciais às suas estratégias. Neste cenário, Estados Unidos, China e Brasil encontram-se em evidência; os dois primeiros por serem os principais emissores de carbono do mundo, dado o tamanho de seus parques industriais; no caso brasileiro, as atenções estão voltadas para a manutenção dos biomas amazônicos que se desenvolvem em quase metade do território nacional.

Os EUA respondem hoje por cerca de 13% das emissões de carbono do mundo, em um nível de emissões que permanece na casa das 5 megatoneladas de CO₂ por ano desde a década de 1990. Além do parque fabril, a frota de veículos norte-americana contribui sobremaneira para a emissão de gases dado seu tamanho e ao gosto local por veículos potentes.

Embora o governo anterior tenha se mantido afastado da agenda climática, a nova administração dos Estados Unidos anunciou em Assembleia Geral, na Organização das Nações Unidas (ONU) a descarbonização de 100% de suas fontes energéticas até 2035. Essa meta é ambiciosa e causará grandes impactos na cadeia produtiva de energia, sobretudo nos grandes produtores de combustíveis fósseis.

Com uma matriz extremamente “suja”, a China é responsável por cerca de 28% das emissões de CO₂ no planeta, cerca de 11 megatoneladas no ano de 2019. As usinas alimentadas por carvão respondem por 60% das emissões chinesas. Atualmente o governo chinês vem estabelecendo medidas eficazes para a redução dos poluentes nos grandes centros urbanos, adotando uma frota de carros elétricos. No entanto, em dados totais, a poluição do ar gerada no país não diminuiu, uma vez que a eletricidade que move os automóveis segue sendo gerada em termelétricas.

Seguindo a tendência atual, o primeiro mandatário chinês também anunciou em Assembleia Geral da ONU uma meta ambiciosa de descarbonização total da matriz energética até 2060. Segundo a especialista em economia chinesa Karin Costa Vasquez (2021) o esforço constitui um grande desafio, pois implica em “equilibrar a transição energética com a segurança energética em toda a economia”. O impacto na cadeia produtiva de energia será ainda maior, havendo a substituição dramática dos combustíveis fósseis por terras raras e metais radioativos.

O total de emissões de CO₂ no Brasil equivale a cerca de um décimo do praticado pelos EUA, dada a menor pujança do setor industrial brasileiro, e principalmente, pelo fato de mais de 80% da geração de energia no País vir de fontes

renováveis, notadamente da exploração do potencial hidráulico. Ocorre, no entanto, que se engendra uma narrativa, a nível internacional sobre a má conservação da Amazônia brasileira, onde se acusa, inclusive ao governo de prática e incentivo às queimadas, em prol da expansão da atividade agropastoril.

Dotado de uma lei ambiental avançada e rigorosa, o Estado brasileiro vem combatendo os desmatamentos e incêndios ilegais, ainda que esses sejam muito menores do que o divulgado pela grande imprensa. A liderança em tecnologias voltadas para a agronomia coloca o País em grande vantagem competitiva, produzindo-se mais em menos espaço físico. Graças aos avanços capitaneados pela EMBRAPA chega-se a produzir até três safras/ano em um mesmo espaço de solo.

Vem se verificando, também, que as pressões referentes à manutenção do espaço amazônico têm partido de Estados europeus e organizações baseadas no velho continente, cujos interesses econômicos, geoestratégicos e até de sobrevivência são afetados pela alta produtividade do agronegócio brasileiro. Ao mesmo tempo em que as produções nacionais perdem espaço na concorrência com os produtos do Brasil, o esgotamento das áreas produtivas na Europa pressiona esses países na busca de novas fronteiras agrícolas, sob o risco de carestia.

Com isso, o pensamento da autossuficiência volta à tona em todas as áreas, especialmente naquelas ligadas à alimentação humana e, indiretamente, animal. Mas, é lógico que nem todas as Nações têm condições de atingir esse patamar. Nesse contexto, o Brasil aparece como um dos poucos países que ainda têm condições de elevar sua produção de alimentos em virtude da quantidade de terras e água (das chuvas) aptas à utilização agropecuária, sem que, para isso, seja necessário fazer nenhum desmatamento (Pérez, 2020, Apud BRUINSMA, 2011).

Dessa forma a agenda climática tende a ser cada vez mais um foco de pressão internacional pela necessidade de alimentos no mundo, onde o Brasil desponta como ator fortemente atuante, por ser uma potência agrícola. A substituição das matrizes energéticas, enquanto tendência mundial, seguirá em marcha e oferece oportunidades e ameaças, tanto na exploração de elementos para produção e armazenamento de energia, como no desenvolvimento de tecnologias para a geração sustentável.

4.5 OS FATORES PSICOSSOCIAIS COMO DIFERENCIAL

A Civilização Ocidental vem passando por um período de crise no campo

psicossocial, afetando o que Etchegoyen (2021) qualifica como seu “substrato moral”. As guerras e crises ocorridas em países africanos e do Oriente Médio vêm impulsionando grandes massas de refugiados para a Europa e os EUA enfrentam indicadores de seu declínio, fruto de problemas no seu tecido social.

Os imigrantes, que geralmente ingressam de forma ilegal e furtiva, vêm causando caos econômico e social nos países mais a sul da Europa, ao mesmo tempo em que a religião professada por esses povos, o islamismo, se choca com a cultura cristã instalada em solo europeu. Dessa forma, observa-se, além da degradação das condições sociais, crescimento da xenofobia e de movimentos ultranacionalistas direcionados contra os forasteiros.

Nos EUA, observa-se o agravamento dos conflitos raciais entre negros e brancos, somados ao sentimento xenofóbico para com muçulmanos, instalado desde 11 de setembro de 2001, na ocasião dos atentados terroristas a Nova York e Washington. O país formado pelo aporte massivo de imigrantes tem agora sua sociedade fraturada pelo sentimento de raça, ao passo que a tradicional polarização entre os partidos Republicano e Democrata tende à radicalização, com o primeiro voltado mais à direita e o segundo à esquerda.

A retirada das tropas da OTAN no Afeganistão ocorreu de forma desarranjada. O controle do país foi retomado de imediato pelo movimento talibã, enquanto a saída dos americanos e seus aliados tomou o aspecto de uma fuga desorganizada. Somado ao ambiente interno, à recessão econômica e a perda de espaço mundial para a ascensão chinesa, o dramático fim da “Guerra ao Terror” constitui-se em um golpe traumático para a cultura estadunidense, baseada no “destino manifesto”.

O cenário interno chinês é de relativa estabilidade, uma vez que enriquecimento do país proporcionou segurança econômica à população e credibilidade ao sistema de governo, que conjuga práticas capitalistas de mercado com um regime forte de matiz comunista. As minorias continuam sendo subjugadas pela etnia Han, que domina o Estado, que por sua vez possui os meios para a opressão pacífica ou violenta das dissidências.

Além da tradicional identidade de raça praticada pelos chineses, a volta do confucionismo propiciou a estabilidade social e a retomada da cultura tradicional, profundamente rompidos na época de *Mao Zedong*. O reconhecimento do fator religioso como amálgama da sociedade induziu à retomada e ao fortalecimento dos dogmas confucianos. Ferguson (2016) narra a impressão de um membro anônimo da

Academia Chinesa de Ciências Sociais acerca da religiosidade ocidental:

Nos últimos 20 anos percebemos que o cerne de nossa cultura é a religião de vocês: o cristianismo. É por isso que o ocidente foi tão poderoso. A base moral cristã da vida social e cultural foi o que tornou possível o surgimento do capitalismo e então a transição bem-sucedida para a política democrática. Não temos dúvidas quanto a isso (Ferguson, 2016, p. 302).

No Brasil, a supremacia dos partidos de esquerda, que dominaram a cena política desde o final do século XX, causou uma revolução gramsciana silente na educação e na cultura nacionais. Os valores ocidentais, calcados principalmente na família e na religião, foram paulatinamente minados e a reboque disso, a identificação das novas gerações com o pertencimento nacional foi abalada.

A meados dos anos 2010, a patente corrupção institucionalizada pelos partidos de esquerda no poder afetou sua credibilidade. Parcela considerável da população passou a contestar não só a representação política esquerdista, como também o corolário sociocultural vigente. A Igreja católica, em franca decadência desde o estabelecimento do clero progressista nos setores mais altos da cúria, vem sendo substituída por instituições protestantes e evangélicas, que têm atraído grande parte dos habitantes para a fé cristã.

Atualmente, o dissenso entre apoiadores de doutrinas ditas progressistas e os conservadores têm configurado uma polarização social no País, que se reflete na política interna e vêm funcionando como trava ao desenvolvimento nacional. A porção conservadora vem clamando pela retomada de valores que fundamentam a sociedade tipicamente ocidental, tais como a religião cristã, o império da lei e o individualismo.

De outro lado, a esquerda, cujas táticas gramscianas perderam força, parece ter adotado as técnicas maoístas de destruição cultural completa e conflito constante. O assédio à sociedade vem se concretizando na forma de incentivo à ruptura, onde se verificam os conflitos entre classes, entre gêneros, entre “pseudo-raças”³⁸ e até dentro das famílias.

Nota-se, também, o patrocínio da imprensa tradicional, oriundo de grandes corporações estrangeiras. Esses vetores de comunicação vêm corroborando sobremaneira para a geração e manutenção das rivalidades, que são potencializadas nas mídias digitais e redes sociais.

³⁸ Neologismo exprimido por conta deste autor, uma vez que dados científicos atestam que as diferenças no genoma humano não constituem fatores suficientes para diferenciação racial (vide Harari, 2008).

A comoção social existente nos países ocidentais, inclusive o Brasil, não tende a ter solução a curto e a médio prazo, no entanto, acordos e tréguas podem ser feitos na busca de um bem maior, como o desenvolvimento; ou de um perigo comum, como por exemplo o risco de fome ou desmantelamento nacional. No caso chinês, a tendência de estabilidade se mantém, desde que o atual “dono de tudo sob o céu” continue provendo os recursos para a segurança social e alimentar da imensa população.

4.6 A TOTALIZAÇÃO DOS FATORES NA PROJEÇÃO DAS POLÍTICAS INTERNA E EXTERNA

A pujança dos Estados Unidos ainda coloca o país na posição de liderança no Ocidente. Desta forma, os ditames da política externa dos EUA balizam grandes partes das ações na Europa, notadamente no que diz respeito à OTAN. Assim sendo, a política externa norte-americana, ainda que produza um bom apoio de retaguarda à UE, dificulta as ações geoestratégicas de países da Europa, uma vez que temas como a guerra no Afeganistão e o relacionamento com a Rússia restringem a liberdade de ação dos países europeus.

A franca expansão da aliança norte-atlântica para os países do leste europeu invade o espaço vital da Rússia, inclusive a região que originou o território dessa potência regional, a Ucrânia. Deste modo, as tensões na linha de fratura entre as civilizações Ocidental e Ortodoxa tende a agravar-se. Some-se a isso, a animosidade dos governos instalados no Oriente Médio e norte da África, cujo legado imperial europeu se potencializa com o intervencionismo dos EUA na região.

As pressões internas no bloco europeu, advindas do ingresso de países europeus de leste, em desenvolvimento e agravadas pelas migrações em massa de deslocados dos conflitos no mundo árabe vêm sendo agravadas. Fruto disso, ocorreu uma significativa fratura, quando no evento chamado *Brexit*, o Reino Unido desvinculou-se da EU.

No campo interno os EUA vêm sofrendo um intenso processo de radicalização entre os partidos políticos tradicionais. O *mudus operandi* dessas representações, que se alternam no poder, tem variado e a política externa de Estado vem sofrendo grandes oscilações, causando indefinições na condução dos conflitos militares, ou ainda, decisões desastrosas.

O ambiente interno denso por vezes se traduz em atos duros contra os

adversários, como por exemplo a colocação da Rússia e da China praticamente como inimigos, na Estratégia Nacional de Segurança promulgada em 2021. Entre os motivos para a radicalização da geopolítica estadunidense estão a expansão chinesa sobre a área de influência dos EUA na Ásia e a possível desinformação³⁹ praticada no processo eleitoral norte-americano.

A estabilidade interna existente na China, fruto do bom ambiente psicossocial existente e o notável desenvolvimento econômico do país vêm propiciando uma grande liberdade de ação e projeção de poder. Dessa forma, a RPC é uma potência global que vem logrando consolidar a hegemonia em seu entorno, bem como disputar influência com o EUA nas demais regiões do globo, neste caso, com ênfase na África e na América do Sul.

A áreas insulares dispersas nos Mares da China de do Japão e a ilha de Taiwan são focos de tensão regional, onde além das disputas com países do sudeste asiático e Japão, as tensões se agravam com a potência mundial americana. Em outro viés, a BRI e os sólidos acordos de fornecimento de hidrocarbonetos com a Rússia dão o amparo econômico para a estabilidade econômica no leste do território chinês, propiciando a flexibilidade necessária para lidar com as minorias separatistas da região.

A assunção do governo afegão pelo Talibã também é favorável à RPC, que além da saída do adversário, contabiliza o acesso à região, que possui grande potencial de extração de terras raras. As ações para assegurar o acesso chinês às reservas de insumos para sua economia vêm englobando a inserção cada vez maior de recursos militares ostensivos e velados na África e na América do Sul.

No ambiente sul-americano e na costa oriental da África a liderança esperada a ser exercida pelo Brasil está longe de se concretizar. Os avanços chineses e a influência nas políticas externas dos países vêm sendo um óbice à política externa brasileira em seu entorno estratégico, dada a desproporcionalidade do poderio entre os dois países, desfavorável ao Brasil.

A projeção do poder nacional do Brasil vem sendo prejudicada, principalmente, pela desorganização interna do País. As más políticas praticadas em gestões anteriores e a manipulação cultural conduzem a população a uma polarização radical, onde a pauta não raro trata os interesses opostos como irreconciliáveis.

³⁹ Ações indiretas sobre o poder político do adversário para moldar o ambiente interno e/ou levar os dirigentes a decisões desfavoráveis.

O ambiente instável e desagregador vem expondo o Estado brasileiro a influência de potências estrangeiras, ora europeias, com vistas a travar o desenvolvimento agropecuário, sob argumentos ambientalistas e contestar a soberania nacional sobre o território amazônico; ora a República Popular da China, que por meio de acordos comerciais e investimentos draconianos busca assegurar vantagens desiguais, prejudiciais ao desenvolvimento do País.

Apesar das pressões externas e da falta de sinergia nos setores estatais e privados, a expressão econômica ainda ampara os pelitos brasileiros em foros internacionais, como o G 20, os BRICS (Brasil, Rússia, China e África do Sul) e a ONU. A designação do Brasil em 2019 como aliado preferencial extra-OTAN tem características ambíguas, uma vez que as benesses da aproximação com uma potência militar trazem como contrapartida as obrigações contra seus adversários. Some-se a isso a incerteza da política atual externa estadunidense.

Dados os ingredientes políticos e adjudicando a esses os dados dos demais campos do poder, observa-se a tendência internacional de fomento a um ambiente semelhante à Guerra Fria praticada durante a segunda metade do século XX. No entanto, além do fator nuclear, a extrema interdependência econômica entre EUA e RPC propiciam elementos concretos para a detente entre as grandes potências, que no momento não gozam de liberdade de ação plena, dado o conturbado ambiente interno dos Estados Unidos da América e às tensões nas áreas de fronteira da China com a Índia e o Japão.

Não havendo fator disruptivo, as iniciativas econômicas e geo-estruturantes da RPC, como a BRI e suas extensões terrestres e marítimas, tendem a interligar fisicamente a economia mundial, o que alavancará a projeção chinesa a longo prazo. Dessa forma, o temor à “armadilha de Tucídides” (Allison, 2017) pode ser aplacado pelo fato de que atos bélicos, em grande escala, são desfavoráveis aos EUA em qualquer cenário. Essas projeções não impedem, no entanto, a ocorrência de contendidas na forma híbrida, apoiadas principalmente em ações cibernéticas, ou ainda, conflitos cinéticos pontuais, em regiões de disputa por influência.

A atual situação política no Brasil não permite uma projeção de cenário internacional favorável para o País. Apontamento históricos indicam que a polarização política é benéfica se levada como processo democrático equilibrado, como foi o caso dos EUA ao longo de boa parte de sua história.

No entanto, essa polarização é extremamente prejudicial ao Estado quando

radicalizada, pois, na melhor das hipóteses, paralisa as estruturas nacionais e em casos extremos leva a desordens violentas, que expõe a nação à ingerência externa e em casos mais graves, até ao fracionamento.

Dessa forma, projeta-se que se não houver a pacificação e o consenso interno, bem como a reorganização estruturante do Estado brasileiro, o Brasil não só perderá sua tênue liderança regional, como perderá espaço no contexto mundial, dada a intensa concorrência que ora se apresenta. No entanto, caso a organização interna ocorra, o grande potencial do País pode alavancá-lo a potência de fato, com condições exercer a liderança regional no médio prazo e em todo ocidente a longo prazo.

5. CONCLUSÕES: DESMISTIFICANDO NARRATIVAS E POSICIONANDO O BRASIL NA NOVA ORDEM MUNDIAL

A análise histórica da formação das sociedades em estudo, bem como a apresentação sumária da conjuntura atual, com suas projeções futuras, dispõe sobre a situação de EUA e China na geopolítica mundial, bem como o papel do Brasil neste cenário. Dessa forma, o estudo em questão conduz a conclusões fundamentais para a sugestão de estratégias a serem adotadas para o incremento da importância do País no contexto das nações.

O Brasil sofre de um déficit de longa data de análise estratégica em política externa, economia global, segurança e defesa internacionais. Mesmo contando com um Estado forte e capaz de ter representações diplomáticas em todo o mundo, a classe política brasileira tem sido incapaz de detectar e entender, a tempo e com precisão, as grandes transformações globais que moldam a vida pública nacional (Spektor, 2019).

5.1 O OCIDENTE É TÃO ANTIGO QUANTO A CHINA

A regressão histórica comprova que as origens da cultura Ocidental se deram em época similar à chinesa, há mais de quatro mil anos. Da mesma forma a consolidação das estruturas de Estado se desenvolveram de forma paralela, em lapsos não muito longos de tempo.

Tanto o confucionismo como o cristianismo têm origens remotas na antiguidade, sendo o segundo, originário do corolário religioso judeu, cujas origens são ainda mais afastadas. Essas doutrinas religiosas balizaram os códigos morais de cada cultura, inspirando valores e crenças distintos, que se desenvolveram de forma

paralela em regiões diferentes do globo, fundamentando os preceitos estatais subsequentes.

A mobilidade geográfica do centro de poder ocidental, ao contrário da capital sínica, que sempre orbitou os vales dos grandes rios e a costa oriental da China, pode levar induzir à falácia de que o Ocidente seja uma concepção moderna. Roma, Espanha, Inglaterra, França e Estados Unidos da América são, cada um a seu tempo, a representação da evolução de um centro de poder dinâmico, em uma cultura onde a concorrência individual e estatal se reflete no desenvolvimento e na proeminência regional.

Assim sendo, verifica-se que a originalidade e superioridade da cultura milenar chinesa configura-se em uma poderosa narrativa, não necessariamente verdadeira, que visa a projetar o poder sínico a nível informacional. O uso dessa técnica não é exclusivo dos chineses e sua prática em tempos recentes pode ser exemplificada no sentido inverso, quando o ocidente afirmava sua superioridade cultural sobre a China, no período conhecido por “século da humilhação”.

5.2 O SUCESSO DAS POLÍTICAS DE ESTADO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO À CULTURA NACIONAL

A crise política e social que se estende por todo o ocidente tende a influenciar o observador moderno a concluir que sua origem e culpa cabem ao sistema capitalista e à democracia. Essa tendência se agrava ao se constatar o cenário de prosperidade em que se encontra a República Popular da China, onde um forte regime comunista substituiu o outrora poderoso imperador e o mercado é fortemente regido pelo Estado.

No entanto, observa-se que o pluralismo social e o individualismo praticados no ocidente foram, até a primeira década do século XXI, a mola impulsora do capitalismo e da democracia, fatores que determinaram que o ocidente sobrepujasse as demais civilizações. Exemplos de fracasso ou sucesso das formas centralizada ou liberalizante de condução da política estatal são comuns em ambas as civilizações,

A variação na aceitação da concentração de poder não é uma característica isolada de uma população e está ligada a outros traços culturais e conjunturas distintas. Verifica-se que as tentativas de se desvencilhar das tradições locais redundam em fracassos estrondosos, cujos melhores exemplos modernos se traduzem na Alemanha nazista e na Revolução Cultural de *Mao Zedong*.

5.3 O BRASIL FAZ PARTE DO OCIDENTE

As características da sociedade brasileira não se distinguem da cultura ocidental. Mais do que colonizado por potências europeias, o Brasil teve ao longo de sua história o aporte majoritário de imigrantes que somaram características ocidentais à sociedade e à organização do Estado. A multiplicidade de etnias e a miscigenação delas, ainda que tenham ocorrido em menor escala nos EUA, são qualidades originárias do processo latino de romanização e aculturação. Os países setentrionais da Europa são exemplares neste quesito.

Quanto ao aporte das diversas culturas africanas por meio de migração forçada para o Brasil e a pré-existência dos costumes nativos locais, verifica-se, também na sociedade europeia e, portanto, ocidental, a miríade de culturas e povos que contribuíram para a formação dos países. A dita “dívida” da sociedade com as classes desfavorecidas não será saldada cobrando-se dos descendentes, mas propiciando-se de forma sinérgica as condições de ascensão a cada cidadão.

A atual desorganização do Estado brasileiro reflete o estágio de desenvolvimento da sociedade e não é regra na trajetória histórica do País. Períodos como o Segundo Reinado, o Estado Novo e os Governos Militares são exemplos da boa conjugação dos fatores humanos nacionais baseados em valores ocidentais, tais como a religião cristã; a separação da autoridade espiritual e temporal; e do pluralismo social.

Em sendo o Brasil um país com grande potencialidade para destaque global, sempre foi alvo de narrativas orquestradas para a manutenção do moral pátrio, a fim de que o chamado “complexo de vira-lata” servisse como trava ao desenvolvimento. A atuação da esquerda na forma gramsciana ou maoísta é tão nociva quanto o mito da superioridade racial. O princípio constitucional de igualdade perante a lei é um dos traços marcantes da cultura ocidental e seu arripio causa tensões sociais que impedem o desenvolvimento nacional e o bem-estar dos cidadãos.

5.4 O CENÁRIO ATUAL OFERECE AMEAÇAS EM GRANDE ESCALA AO BRASIL

Em um mundo cada vez mais dinâmico, as dificuldades advindas da volatilidade, da incerteza, da complexidade e da ambiguidade crescem em escala geométrica. Atualmente as maiores ameaças⁴⁰ para a soberania e para o

⁴⁰ Considera-se aqui como ameaça os atores externos com capacidade para agir e intenção de agir contra os interesses brasileiros.

desenvolvimento nacional emanam de três regiões do planeta: China, Estados Unidos da América e União Europeia. É digno de nota que este autor não considera esses atores como potenciais inimigos, mas entidades cujos interesses são conflitantes com os do Brasil.

Após cem anos de processo de recuperação, a China vem se reerguendo como potência e a globalização projeta as consequências desse fenômeno por todo o globo. Com uma população superior a 1,4 bilhões de habitantes, a RPC necessita manter padrões de crescimento acima de 7% ao ano, o que implica em um constante superaquecimento de sua economia. A demanda por insumos para sua indústria e por alimentos para sua população impulsiona as empresas e entes estatais chineses por todos os continentes, inclusive para o Brasil e seu entorno estratégico.

Além da perda sensível de mercados tradicionais ou recém-conquistados, o Brasil vem sofrendo com táticas não ortodoxas de manipulação econômica, em que agentes e entidades estatais e privados oriundos da China manipulam o ambiente interno, com vistas a obtenção de vantagens competitivas. Além de atitudes comerciais censuráveis como o dumping⁴¹, práticas como a corrupção de funcionários do Estado levam à perda da sinergia do esforço econômico e à desagregação da economia, por meio de acordos de comércio, de exploração e de investimentos nocivos ao interesse nacional, com riscos, inclusive para a soberania.

Ainda com relação à China, se verifica a militarização das zonas exploradas, com fins de defesa do seu capital e dos seus interesses, notadamente na África e, mais recentemente, na Argentina. Além de sobrepor-se à área de interesse do Brasil, a atuação chinesa também atua em zona de tradicional influência dos EUA e de potências europeias. O aceno dos EUA e da OTAN para o alinhamento do Brasil pode constituir-se em uma armadilha que arraste o País para uma contenda “quente” no contexto de uma “guerra fria”.

O agravamento das condições climáticas no planeta serve de pano de fundo para protestos ostensivos contra a forma que o Brasil gerencia seu território amazônico. Por trás desta fachada escondem-se os interesses velados na paralização do agronegócio brasileiro, ameaça à combatida agropecuária do continente europeu, onde também se encontram muitos países necessitados da expansão de terras

⁴¹ Guerra de preços. Ato de oferecer produtos abaixo do preço de mercado, a fim de quebrar concorrência que produz em menor escala.

agricultáveis. Some-se a isso o potencial de extração mineral, ainda não explorado, do subsolo da Amazônia.

5.5 O CENÁRIO ATUAL OFERECE GRANDES OPORTUNIDADES AO BRASIL

Consolidado no início do século XX, o território brasileiro reúne em uma vasta área uma grande diversidade de solos, subsolos, cursos d'água e biomas. Some-se a isso um amplo e diversificado litoral, com mar territorial desimpedido. Tudo isso encontra-se em uma grande variação de latitude e longitude, que possibilita a existência de diversos climas. Os mesmos atores que conformam as ameaças aos interesses nacionais podem, também, configurar-se como as principais oportunidades para o Brasil, desde que as possibilidades da base territorial sejam corretamente geridas.

Sendo o Brasil hoje, de fato, uma potência agropecuária e dada a crescente demanda por alimentos das grandes populações chinesa, europeia e norte-americana, além de outras no planeta, o agronegócio encontra grandes possibilidades de mercado. Se devidamente coordenadas, as exportações podem, muito além de enriquecer os envolvidos com o processo, gerar o acúmulo de capital para o desenvolvimento tecnológico do País, propiciando um ciclo virtuoso de crescimento sustentável.

As metas ambiciosas de descarbonização da economia das economias motrizes consistem em oportunidade de substituição dos insumos da cadeia produtiva, uma vez que a diversidade territorial brasileira possibilita a ocorrência de várias matérias primas necessárias à próxima revolução energética. Em um cenário ainda mais favorável, a fabricação de componentes utilizando-se os novos insumos constitui-se de oportunidade formidável, dada a produção de bens de grande valor agregado.

Ainda que os hidrocarbonetos percam espaço enquanto combustíveis, o petróleo, encontrado em abundância, principalmente no mar territorial, seguirá consistindo como uma primorosa matéria para uma grande diversidade de produtos. O investimento no refino e na petroquímica especializada também é uma possibilidade ainda pouco explorada.

Bem coordenados por entidades reguladoras estatais, os investimentos chineses na economia brasileira podem constituir oportunidades lucrativas e duradouras para ambos os países. A alavancagem da economia com esses

investimentos encontra, na atual conjuntura, o ambiente propício para diminuir os *gaps* tecnológico e econômico em relação às potências tradicionais.

A longo prazo o Brasil pode tornar-se, ele próprio, uma potência mundial, dados não só os fatores econômicos, como também a afinidade sociocultural com grande parte dos países em desenvolvimento. Neste caso, a diversidade existente na formação da sociedade brasileira, funciona como catalizador de afinidades na política externa, sobretudo dos países de seu entorno estratégico.

5.6 HÁ NECESSIDADE PREMENTE DE REORGANIZAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO

Três grandes perguntas balizam a fundação e a condução do Estado: Quem somos? Onde queremos chegar? Qual caminho tomaremos?

Para que essas perguntas possam ser respondidas, as ideias de Graham Allison (2017), citadas no capítulo 3, encontram eco nesta fase do trabalho: “Esclarecer os interesses vitais [...] Compreender o que a China está tentando fazer [...] Usar estratégia [...] Priorizar os desafios internos”. Mais do que aplicar à análise da China, este autor sugere, como conclusão deste *policy paper*, desenvolver esses fundamentos como ponto inicial para o posicionamento do Estado brasileiro na Ordem Mundial.

5.6.1 Quem somos?

Os valores e crenças de um povo definem sua cultura e orientam o desenvolvimento da sociedade. Esse corolário de atributos coletivos é estampado na história de uma civilização através da evolução do campo psicossocial. Este mais do que outros elementos do poder nacional, é movido pelas pessoas que habitam o território e redigem as leis do Estado. Sendo assim, a cultura é a primeira engrenagem das expressões política, econômica, científico-tecnológica e militar.

A história do Estado-Nação chamado Brasil inicia-se em 1500, nos primeiros contatos entre europeus e sul-americanos, se desenvolve de forma gradual e constante até o século XIX e, a partir daí, se impulsiona em acontecimentos que ocorrem em grande rapidez e escala, transformando uma terra fracamente povoada numa nação de dimensões continentais e prerrogativas de potência. O povo que vem operando este fenômeno tem origens indígena, europeia, africana, japonesa, libanesa, dentre outras que trouxeram legados de suas regiões de origem.

Apesar da ascendência multicultural, a civilização aqui instalada transcende a herança dos povos formadores, fundindo-as em um conjunto de valores marcados em sua história, que conforme observado nos estudos deste documento caracteriza a Civilização Ocidental. Renegar e reinventar de forma artificial a cultura herdada e desenvolvida em séculos é retirar a referência pátria de cada cidadão e rachar o tecido social.

Portanto, o primeiro passo para a reorganização do Estado brasileiro é reconhecer-se como Ocidente, um Ocidente com distinções da Europa e da América do Norte, mas recorde o leitor que essas distinções são características da própria Civilização Ocidental.

Partindo-se do ponto em que os brasileiros sabem quem são, os problemas internos serão mais bem diagnosticados, uma vez que terão por base o conjunto de referências internas do campo psicossocial. Assim sendo, a radicalização política poderá ser contornada, identificando-se as influências externas espontâneas ou deliberadamente inseridas no seio da população para causar as dissenções internas e deter o processo democrático.

A educação da população é essencial para fortalecer os laços internos da nação e impulsionar o desenvolvimento. O processo educacional deve prestigiar o esclarecimento dos cidadãos, para que esses conheçam os valores morais e cívicos, assim como a organização social e política do País. Deve, ainda, contemplar o ensino técnico e científico de qualidade, fornecendo um fluxo contínuo de mão-de-obra qualificada para o desenvolvimento da C&T, da produção e da gestão estatais e privadas.

A criação e o fomento de estruturas de análise estratégica em apoio ao alto escalão governamental são de suma importância para o diagnóstico interno, que verificará as forças e fraquezas, assim como o estudo das oportunidades e ameaças externas. “Incapazes de detectar e analisar tendências internacionais a tempo de reagir de forma estratégica, os governos de plantão são pegos de surpresa por fenômenos sobre os quais tem pouco ou nenhum controle” (Spektor, 2019).

Os produtos desse diagnóstico, além de ponto de partida para o desenvolvimento nacional, devem ser difundidos à população, como forma de esclarecimento e proteção das influências alienígenas, assim como fator de coesão, enquanto colimadores do pensamento dos cidadãos.

5.6.2 Onde queremos chegar?

O diagnóstico nacional, que deve ser constantemente revisto, balizará os interesses vitais do País. Os interesses se coadunam com a própria ideia de espaço vital, que mais do que a área e os bens tangíveis, estende-se às dimensões informacional e cibernética da interação interna e entre os Estados nacionais e organizações internacionais supraestatais.

Os interesses vitais estão intimamente ligados à liberdade de ação. A detecção de ameaças às instâncias de grande importância deve ter foco não somente nos atores com intenções contrária aos interesses nacionais, mas também em sua capacidade para agir, configurando-se em ameaça. Assegurar os interesses vitais relaciona-se com a sobrevivência do Estado, portanto, assuntos atinentes a essa temática deverão abranger as áreas de segurança e defesa, de forma interdisciplinar e interministerial.

O desenvolvimento nacional é de suma importância para diminuir ou suprimir a defasagem econômica e científico-tecnológica relativa aos países ora dominantes da cena mundial. Neste caso, a projeção de cenários, baseados no diagnóstico da situação nacional, permitirá o estabelecimento de metas plausíveis para o planejamento estatal. O monitoramento dos cenários possibilitará, também, a identificação de oportunidades em tempo hábil para a expansão fortuita e segura das metas e a aceleração do desenvolvimento.

5.6.3 Qual caminho tomaremos?

O ponto de partida para o caminho a ser tomado na direção do desenvolvimento nacional e na projeção do Brasil no contexto das nações é o ajuste da situação interna, que está intimamente ligada ao campo político. É natural e saudável para o regime democrático que os governos eleitos conduzam acomodações na governança e na gestão da federação e seus entes, essas adaptações correspondem às expectativas dos partidos e seus eleitorados.

No entanto, os ajustes feitos pelos governos da vez não podem retirar de seu eixo a política de Estado, salvo fatores disruptivos e urgentes, que ponham em risco os interesses vitais e a sobrevivência da Nação. A consciência situacional e a prospecção, abordados nos itens anteriores, são ferramentas que proporcionam a projeção da política e da estratégia para o médio e o longo prazos. A constante

mudança no escopo dos objetivos nacionais vem sendo, historicamente, o fator impeditivo da construção da Grande Estratégia Brasileira.

A conservação da Política de Estado deve ser considerada como aspecto dogmático para o sucesso da conquista dos objetivos nacionais. Outra cláusula pétrea para o sucesso da Grande Estratégia é o pragmatismo nas relações internacionais. A adesão a alianças e as relações baseadas em ideologia não rendem bons frutos para a geopolítica, uma vez que retiram a flexibilidade e minam a liberdade de ação. Em cenário recente, as relacionamento externo brasileiro, de viés ideológico, minou a possibilidade do desenvolvimento nacional em um período de grandes oportunidades.

As relações com as duas grandes potências da atualidade devem, portanto, ser conduzidas com atitude extremamente pragmática. Os EUA possuem uma cultura com muitos pontos em comum com a brasileira e seus modelos político e econômico em muito se assemelham aos do Brasil, ainda que em estágio de maior desenvolvimento. Ocorre, porém, que apesar das congruências, EUA e Brasil são concorrentes na economia e na predominância geopolítica na América do Sul.

Longe de ser um inimigo, os EUA são um país com quem o Brasil tem largo e próspero relacionamento em todos os campos. Apesar dos laços tão estreitos, o oferecimento atual de alianças pode trazer prejuízos maiores que vantagens. Apesar do poder militar que esses compromissos podem assegurar, a herança de desavenças e os compromissos gerados podem implicar em atitudes de política externa não condizentes com os interesses nacionais.

A República Popular da China vem executando um expansionismo agressivo na região onde o Brasil está inserido. Tradicional e principal parceiro comercial do País, a RPC possui cultura distinta à praticada neste território. O pensamento chinês é voltado para a superioridade chinesa e o pragmatismo empregado para as relações exteriores não limita os meios utilizados para conseguir posições vantajosas.

Com um corpo diplomático extremamente hábil e uma economia desproporcionalmente maior, a China é um ator a ser tratado com extrema cautela. Sugere-se que o relacionamento com os representantes chineses, estatais e “privados”, privilegie o campo econômico e sejam redobradas as medidas de salvaguarda dos assuntos políticos e psicossociais, uma vez que consta do portfólio estratégico chinês a manipulação deliberada destes para o atingimento de vantagens.

No ambiente sul-americano, os acordos econômicos alfandegários devem ser incrementados, principalmente o Mercosul. Ainda que o mercado subcontinental não

renda tantos ingressos como os proventos da China e dos Estados Unidos, o afluxo de produtos brasileiros para os países da América do Sul contribui com o desenvolvimento industrial e o saldo de transações correntes, pois se exporta produtos de maior valor agregado. Na eventual ocorrência de déficit, a situação de “*pay master*” regional mitiga a expansão chinesa na região.

Assuntos de segurança e defesa também devem ser buscados e protagonizados com os países sul-americanos, inclusive os voltados para o oceano Pacífico. Ilícitos transfronteiriços; soberania sobre aquíferos, matas e áreas oceânicas; pesca industrial predatória; e crises humanitárias graves são temas constantes nas pautas dos países da América do Sul e a situação do Brasil no continente exige o protagonismo e a liderança nos assuntos em questão.

Ainda no viés dos temas securitizados, deve-se buscar o incremento da atuação brasileira no Atlântico Sul, uma vez que a expansão chinesa sobre as áreas marítimas e terrestres lindeiras a este oceano se sobrepõem a áreas de tradicional controle norte-americano e europeu e se aproximam do mar territorial brasileiro. Além disso, a situação caótica dos países africanos propicia ambiente para a prática da pirataria no Golfo da Guiné, por onde passam importantes rotas comerciais brasileiras.

O estreitamento de relações com países africanos deve ser constantemente avaliado, uma vez que a situação política nessa área é extremamente volátil. Além das tensões tradicionais, herdadas da Guerra Fria, existe a presença chinesa. Devem ser priorizados os países lindeiros ao Atlântico, sobretudo os lusófonos.

Por fim, verifica-se que o assunto meio-ambiente vem pautando a agenda internacional desde a década de 1990 e atualmente, há tendência de narrativas desfavoráveis ao Brasil, por motivos ostensivos e velados, já abordados anteriormente. O desafio atual é o de elaborar uma comunicação estratégica alinhada, integrada e sincronizada com os objetivos nacionais, a fim de reverter a narrativa instalada.

As ações brasileiras no sentido de preservação ambiental, tais como aparato legal, combate a ilícitos ambientais, adoção de matriz energética prioritariamente hidráulica creditam o País como exemplo a ser seguido. A reversão deste fenômeno de “agenda *setting*”⁴² tem potencial para, inclusive, promover o desenvolvimento pelo ingresso de capital oriundo de créditos por sequestro de carbono.

⁴² Teoria de Comunicação que preconiza que os consumidores consomem o que é veiculado com maior frequência nos veículos de comunicação.

REFERÊNCIAS

Allison, Graham. **A Caminho da Guerra: Os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da armadilha de Tucídides?** / Graham Allison; tradução Cássio de Arantes Leite. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. Edição do Kindle.

ALMEIDA, Rafael Cunha de. **O Processo de Transformação do Exército: Reflexos do pensamento militar romano no discurso e na prática da obrigatoriedade do serviço militar na dissociação do preparo e do emprego no escalão Brigada** / Rafael Cunha de Almeida. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2011. 274 f.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação: referências: elaboração.** NBR 6023. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BRASIL (2020). **Política Nacional de Defesa – Estratégia Nacional de Defesa.** Brasília, DF, 2020.

BUENO, Eduardo. **A Coroa, a Cruz e a Espada: lei, ordem e corrupção no Brasil Colônia** / Eduardo Bueno. – Rio de Janeiro: Objetiva 2006. 276p.

CASTRO, Therezinha de. **História Documental do Brasil** / Therezinha de Castro. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995. 462p.

DAVIDSON, James West. **Uma breve história dos Estados Unidos** / James West Davidson; tradução Janaína Marcoantonio. 2ª ed. – Porto Alegre: L&PM Editores, 2016. Edição do Kindle.

DEL PRIORE, Mary. **Uma breve história do Brasil** / Mary del Priore, Renato Venancio. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. Edição do Kindle.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai** / Francisco Fernando Monteoliva Doratioto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERGUSON, Niall. **Civilização: Ocidente X Oriente** / Niall Ferguson; tradução Janaína Marcoantonio. 2ª ed. – São Paulo: Planeta, 2016. 430p.

FILHO, Paulo Roberto da Silva Gomes. **Coronel Paulo Filho debate China com General Etchegoyen, Ex-Ministro Raul Jungmann e Karyn Vazquez.** Paulo Roberto da Silva Gomes Filho / Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1BAfxaNpGfc>. Acesso em: 30 set. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação Fernando Henrique Cardoso. – 51ª ed. Ver. – São Paulo: Global, 2006. 727p.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano** / Edward Gibbon; organização e introdução Dero A. Saunders; prefácio Charles Alexander Robison Jr.; tradução e notas suplementares José Paulo Paes. – Ed abreviada. – São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989. 497p.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil / Synesio Sampaio Goes Filho. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade** / Yuval Noah Harari; tradução Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM 2018. 592p.

HUNTINGTON, Samuel Phillips. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial** / Samuel P. Huntington; tradução M.H.C. Côrtes. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998. 455p.

JUDT, Tony. **Pós-guerra** [recurso eletrônico]: uma história da Europa desde 1945 / Tony Judt ; tradução José Roberto O'Shea; revisão Marta Miranda O'Shea . - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Edição do Kindle.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial** / Henry Kissinger; tradução Cláudio Figueiredo. – 1 ed. – Rio de Janeiro: objetiva, 2015. 427 p.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China** [recurso eletrônico] / Henry Kissinger; tradução Cássio de Arantes Leite. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Edição do Kindle.

LANDES, David S. A riqueza e a pobreza das nações: porque algumas nações são tão ricas e outras tão pobres / David S. Landes; tradução Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Campus, 1998. 760 p.

LEITE, Julia Dias. **Política internacional: Reorientações do multilateralismo = International politics: reorientation of multilateralism** / Julia Dias Leite, Luciana Gama Muniz - 1 ed.- Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Relações Internacionais – CEBRI, 2021 (Coleção de policy papers/Collection of policy papers).

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe** / Nicolau Maquiavel; tradução Maria Lúcia Cumo. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 156 p.

MARIOTTI, Antonio Cesar Esteves. **Afinidades e óbices ao desenvolvimento da colaboração entre os exércitos do Brasil e da Venezuela** / Antonio Cesar Esteves Mariotti. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro:2014. 148 f.

MARRIOTT, Emma. **A história do mundo para quem tem pressa** [recurso eletrônico] / Emma Marriott; tradução de Paulo Afonso. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2015. Edição do Kindle.

McCANN, Frank D. **Soldados da Pátria**: história do Exército Brasileiro, 1889-1937 / Frank D. McCann; tradução Laura Teixeira Motta. – São Paulo: Companhia das Letras, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009. 706p.

McNEILLY, Mark. **Sun Tzu e a arte da guerra moderna** / Mark McNeilly; tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. – Rio de Janeiro: Record, 2003. 416p.

MENZIES, Gavin. **1421**: o ano em que a China descobriu o Mundo / Gavin Menzies; tradução Ruy Jungman. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 552p.

MILANI, Carlos R. S. **Multilateralismo em tempos de incerteza**: implicações para o Brasil / Carlos R. S. Milani. Policy paper. – Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Relações Internacionais, 2019.

NOSSEL, Suzanne: Smart Power. March/April 2004. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2004-03-01/smart-power>. Acesso em: 30 set. 2021.

PAIVA, Marcos Caramuru de. **Brasil China**: o estado da relação *Belt and Road* e lições para o futuro / Marcos Caramuru, Clarissa Lins, Guilherme Ferreira. – Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Relações Internacionais, 2019.

Pérez, Daniel Vidal. **AGRICULTURA COMO COMPONENTE DA POLÍTICA DE SEGURANÇA NACIONAL BRASILEIRA** / Daniel Vidal Pérez, Fortunato Lobo Lameiras. Revista da Escola Superior de Guerra, v. 35, n. 73, p. 96-123, jan./abr. 2020.

READ, Piers Paul. **Os templários** / Piers Paul Read; tradução Marcos José da Cunha. – Rio de Janeiro: Imago Ed, 2000. 368p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil / Darcy Ribeiro. – 3. Ed.- São Paulo: Global, 2015. 362p.

RZEZINSKI, Henrique. **CEBRI Breaking News # 17: “A Relação do Brasil com os Estados Unidos”** / Henrique Rzezinski, Marcos Troyjo. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Relações Internacionais, 2017.

UNZER, Emiliano. **História da Ásia** / Emiliano Unzer. EUA: Amazon, 2019, 739 p. Edição do Kindle.

WEATHERFORD, J. McIver. **Gêngis Khan e a formação do mundo moderno** / Jack Weatherford; tradução Jorge Ritter. – Rio de Janeiro: Bretrand Brasil, 2010. 462p.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra** / Carl Von Clausewitz; tradução Maria Teresa Ramos; preparação do original Maurício Balthazar Leal. – São Paulo: Martins Fontes, 1996. 934p.

DIAMOND, Jared M. **Armas germes e aço**: os destinos das sociedades humanas / Jared Diamond; tradução de Silvia de Souza Costa, Cynthia Torres e Paulo Soares. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019. 475 p.

GOLDSWORTHY, Adrian. **Em nome de Roma** / Adrian Goldsworthy; tradução de Cláudio Blanc. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2016. 560p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil** / Sérgio Buarque de Holanda. – 27ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras 2014. 254p.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Soldado e o Estado**: Teoria e Política das relações entre Civis e Militares / Samuel P. Huntington; tradução de José Lívio Dantas. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996. 548 p.

KISSINGER, Henry. **Diplomacia** / Henry Kissinger; tradução Saul S. Gefter, Ann Mary Fighiera Perpétuo, tradução revista Heitor Aquino Ferreira. – São Paulo: Saraiva, 2012. 859 p.

MENZIES, Gavin. **1434**: o ano em que uma magnífica frota chinesa velejou para a Itália e deu início ao renascimento / Gavin Menzies; tradução Ricardo Quintana. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 376p.

SPEKTOR, Matias. **10 Desafios da Política Externa Brasileira** / Matias Spektor, Carlos Góes, Diego Bonomo, Marcos Tourinho, Érico E. Duarte, João A. Castroneves, Eduardo Mello, Umberto Mignozzetti, Oliver Stuenkel. – Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Relações Internacionais, 2019.

YERGIN, Daniel. **O Petróleo**: Uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro / Daniel Yergin; tradução Leila Marina U. Di Natale, Maria Cristina Guimarães, Maria Christina L. de Góes; edição Max Altman – São Paulo: Paz e Terra, 2010. 1080p.

YERGIN, Daniel. **A busca**: energia, segurança e reconstrução do mundo moderno / Daniel Yergin; tradução Ana Beatriz Rodrigues. 1 ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 823p.